

No. 8 • October 2011

Pessoas LGBT e AIDS
na rotina jornalística: a
cobertura em veículos
impressos e eletrônicos
brasileiros em 2008

LGBT people and AIDS
in the journalistic routine:
Coverage in Brazilian
print and broadcast
media in 2008

Personas LGBT y SIDA
en la rutina periodística:
cobertura en medios
impressos y electrónicos
brasileños en el año 2008



BRUNO SOUZA LEAL

CARLOS ALBERTO DE CARVALHO

A Working Paper
Series on Latin American and
Caribbean Sexualities

Una serie monográfica sobre
sexualidades latinoamericanas
y caribeñas

Uma série monográfica sobre
sexualidades latino-
americanas e caribenhas

EDITORES/EDITORS

Eliane Borges Berutti

Departamento de Letras Anglo-Germânicas
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Rafael de la Dehesa

Department of Sociology, Anthropology, and Social Work
City University of New York-
College of Staten Island, USA

María Mercedes Gómez

Departamento de Lenguajes y Estudios Socioculturales
Universidad de los Andes, ColombiaCOMITÉ EDITORIAL/
COMISSÃO EDITORIAL/EDITORIAL BOARD

Violeta Barrientos Silva

Programa de Estudios de Género
Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Perú

Jasmín Blessing

Center for Lesbian and Gay Studies,
City University of New York, USA

Mauro Cabral

Centro de Investigaciones
de la Facultad de Filosofía y Humanidades
Universidad Nacional de Córdoba, Argentina

Gabriela Cano

Facultad de Filosofía
Universidad Autónoma Metropolitana-Iztapalapa, México

Sergio Carrara

Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ebén Diaz

Red de Diversidad Sexual GLBTITI, Nicaragua.

Camila Esguerra Muella

Departamento de Antropología
Universidad Nacional de Colombia, Colombia

Jacqueline Jiménez Polanco

Department of Social Sciences
City University of New York-
Bronx Community College, USA

Denilson Lopes

Escola de Comunicação
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Rita María Pereira Ramírez - Cuba

Jurista, investigadora, y documentarista
Habana, Cuba

Andrés Ignacio Rivera Duarte

Organización de Transexuales
por la Dignidad de la Diversidad, Chile

Angie Rueda Castilla, Mexico

Frente Ciudadano Pro Derechos
de Transgéneros y Transexuales, México

Marcela Sánchez

Proyecto Colombia Diversa, Colombia

Diego Sempol - Uruguay

Área Académica Queer Montevideo, Uruguay
Departamento de Ciencias Sociales,
Universidad Nacional de General Sarmiento, Argentina

Horacio Sívori

Centro Latino-Americano em Sexualidade
e Direitos Humanos
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Bruno Souza Leal

Faculdade de Comunicação
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Juan Marco Vaggione

Consejo de Investigaciones Científicas
y Técnicas de Argentina (CONICET)
Facultad de Derecho y Ciencias Sociales,
Universidad Nacional de Córdoba, Argentina

Sexualidades is a publication of the Latin American Regional Editorial Board of the International Resource Network, a global community of teachers and researchers sharing knowledge about sexualities. The International Resource Network is funded by the Ford Foundation and based at the Center for Lesbian and Gay Studies of the Graduate Center of the City University of New York.

For further information about Sexualidades, contact the editors at sexualidades@hotmail.com or by mail or fax at: International Resource Network; Center for Lesbian and Gay Studies; Graduate Center, City University of New York; 365 Fifth Ave., Room 7.115; New York, NY 10016; Fax (212) 817-1567



www.IRNweb.org

© 2011

ISSN 1938-6419

CIAGS The Center for
Lesbian and Gay Studies

International Resource Network
A global community of teachers and researchers sharing knowledge about sexualities



Pessoas LGBT e AIDS na rotina jornalística: a cobertura em veículos impressos e eletrônicos brasileiros em 2008

Bruno Souza Leal
Carlos Alberto de Carvalho

Resumo

O artigo busca compreender, a partir da análise de conteúdo combinada com análise da narrativa, a cobertura noticiosa sobre o HIV/Aids realizada por veículos impressos e eletrônicos brasileiros de referência (*Folha de S. Paulo, O Globo, Veja e Jornal Nacional*) e regionais (*O Tempo e MGTV 2ª Edição*), no ano de 2008. Indaga-se como se dá o tratamento contemporâneo ao HIV e a sua associação às identidades LGBT, buscando-se entender as visibilidades e eventuais silenciamentos, seja ao tema como um todo, seja a algum aspecto nele implicado.

Palavras chave

Jornalismo, Aids, Brasil

Sobre os autores

Bruno Souza Leal, doutor em Estudos Literários, é professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Atua no Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT da UFMG e no Grupo de Pesquisa “Poéticas da Experiência”.

Carlos Alberto Carvalho, doutor em Comunicação, é professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG. Atua no Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT da UFMG e no Grupo de Pesquisa “Poéticas da Experiência”.

1. Da natureza jornalística do problema

Quase três décadas após o início da sua divulgação em veículos noticiosos dirigidos aos públicos não especializados, a Aids continua a desafiar comunicadores, médicos, agentes sociais e governamentais, além de pesquisadores de diversas áreas¹. Os desafios não se limitam aos conhecimentos que possam levar a medicamentos mais potentes na limitação das ações do vírus HIV sobre o organismo humano, enquanto os projetos de uma vacina esbarram em uma série de limitações que os impedem de concretizá-la. Eles também envolvem duas amplas frentes de batalha, ambas incluindo diretamente a ação das mídias: as campanhas de prevenção e demais formas de combate à difusão do HIV e a superação dos preconceitos ainda remanescentes da época em que se acreditava ser a Aids de incidência “exclusiva” em homossexuais masculinos, prostitutas, usuários de drogas e hemofílicos. As coberturas noticiosas sobre HIV/Aids, por consequência, precisam lidar com a complexidade de questões ligadas à síndrome, como as listadas acima e outras, como por exemplo os papéis, conflitos e interesses de diferentes fontes de informação, sejam elas oriundas do Estado, dos movimentos sociais, da comunidade médica, das grandes corporações etc.

Assim como mobilizou amplos setores das áreas médico-científicas e sociais (Camargo Jr. 1994; Loyola 1994; Pollak 1990; Sontag 1989), a Aids também colocou em campo pesquisadores que buscavam entender os modos como as mídias, especialmente as noticiosas, trataram o surgimento e evolução da síndrome (Carvalho 2009; Traquina 2005; Fausto Neto

1999). Embora variando quanto aos aspectos teóricos e metodológicos, dificultando conclusões indicadoras de uma tendência geral ou histórica na cobertura midiática do HIV/Aids, essas pesquisas permitem identificar alguns pontos em comum, dentre os quais os agentes (fontes) mais frequentemente ouvidos e o tratamento dado ao controverso tema dos preconceitos. Como temática, a Aids surge, nesse sentido, como desafiadora aos procedimentos jornalísticos típicos de construção das notícias (Ponte 2005; Alsina 1989; Tuchman 1979), o que podemos perceber a partir de Fausto Neto (1999: 15):

Do ponto de vista político, a AIDS se caracteriza como uma questão ético-moral-tecnológica e cultural estruturada por diferentes práticas dos campos sócio-institucionais. Do ponto de vista simbólico, a AIDS é um significante com várias dimensões, resultado das diferentes construções de sentidos realizadas pelas estratégias de várias instituições (médica, política, religiosa, administrativa, etc.). Através desta dupla articulação (macro-política e micro-discursiva), é que se engendram os poderes com que as instituições semantizam a noção de AIDS e, por consequência, se estabelecem, nos limites de suas próprias fronteiras, as significações atribuídas à AIDS.

Diferentemente dos anos iniciais de divulgação massiva da Aids, quando ela era uma novidade, hoje temos que perceber os modos como as mídias noticiosas tratam essa temática a partir da sua incorporação ao cotidiano. Seja pela minimização do seu impacto inicial – da perspectiva dos preconceitos sociais de diversas ordens, mas

particularmente aqueles dirigidos aos homossexuais masculinos –, seja pela melhora das expectativas de vida das pessoas soropositivas, seja simplesmente pelo passar dos anos, entre outras possíveis razões, a Aids deixou de gerar estardalhaço, integrando-se à rotina do noticiário no ritmo da pesquisa científica, das ações dos agentes de saúde e dos organismos estatais e outros, de diversas naturezas. Segundo Traquina (2005: 130), referindo-se à síndrome e ao tratamento dado a ela por jornalistas, temos na atualidade “um tema que podia muito bem ser descrito como uma ‘estória’ com continuidade”, cujos capítulos ou episódios vão surgindo de modo regular ao longo das edições dos veículos jornalísticos. Por essa razão, partimos aqui do pressuposto de que a síndrome recebe agora tratamentos típicos daqueles acontecimentos rotineiros, à maneira de acidentes de trânsito que sempre se repetem, dos permanentes escândalos políticos ou das eternas variações do mundo econômico. Repetíveis como fenômenos, mas ainda assim específicos em suas singularidades, os acontecimentos de rotina não perdem sua atratividade noticiosa, posto que dotados de potencialidades de explicitação das muitas realidades sociais que os atravessam e que, em certa medida, eles contribuem para moldar.

Buscando compreender as razões para que a Aids continue a ser tema recorrente no noticiário, afirma Traquina (2001: 142):

Entre a multiplicidade de acontecimentos, o peso dos acontecimentos noticiosos em desenvolvimento, principalmente de acontecimentos associados às atividades biomédicas, e os acontecimentos noticiosos em

continuação têm rotinizado a cobertura jornalística da AIDS, tanto mais que ocorrências pré-programadas – convenções internacionais, a publicação de revistas médicas, o dia mundial de combate à AIDS – têm mantido a problemática na agenda jornalística.

A noticiabilidade da Aids, sugere Traquina, vincula-se ao carácter inconcluso de sua história, uma vez que a síndrome ainda não tem cura ou que o vírus HIV desafia conhecimentos científicos e técnicas médicas, por exemplo. Em outras palavras, já que a história da Aids permanece em desenvolvimento, ainda que numa clave menos dramática, mobilizando ainda um conjunto de atores sociais, ela se mantém viva como notícia, só que rotineira e cotidiana. Nesse sentido, chama a atenção a observação de Traquina de que não é a agenda de mobilização social que sustenta a noticiabilidade da Aids, mas, ao contrário, é uma espécie batalha diária no campo científico.

Nesse sentido, este artigo reflete sobre as considerações de Traquina a partir dos dados obtidos em pesquisa realizada a partir de edital do Ministério da Saúde, por meio do Programa Nacional de DST/AIDS, com apoio da Secretaria das Nações Unidas para as Drogas e Crime, e conduzida pelo Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT (NUH) da Universidade Federal de Minas Gerais (Leal, Carvalho et al. 2007). Busca-se, então, a partir desses dados, configurar o modo como a Aids se apresenta como notícia rotineira, verificando alguns elementos e aspectos que compõem essa história em desenvolvimento.

A pesquisa que propiciou os dados a serem analisados tinha como objetivo apreender a

complexidade das relações entre mídia/homofobia e realizou o acompanhamento, no período compreendido entre 18 de fevereiro e 17 de agosto de 2008, de cada uma das edições dos 4 principais veículos jornalísticos do Brasil, os jornais impressos diários *Folha de S. Paulo* (edição nacional) e *O Globo* (edição nacional), da revista semanal *Veja* (edição nacional) e do *Jornal Nacional*, da TV Globo. Além deles, a pesquisa considerou ainda dois veículos regionais, de Belo Horizonte, Minas Gerais: o jornal impresso *O Tempo*, e o telejornal *MGTV 2ª edição*, da Rede Globo Minas.

A escolha dos veículos obedeceu a critério de dupla relevância:

a) jornais e revista de circulação nacional, que não raramente guiam as pautas de outros meios noticiosos, e o jornal televisivo de maior audiência e repercussão no Brasil; e b) o jornal mineiro que produz uma coluna semanal voltada às temáticas da diversidade sexual, tema caro à pesquisa, e o telejornal noturno de maior audiência em Belo Horizonte e cidades em seu entorno. Como orientação metodológica geral adotou-se a combinação de um instrumento quantitativo, voltado para a produção de dados passíveis de tratamento estatístico, com instrumentos baseados na identificação do jogo linguístico e narrativo empreendido pelas notícias e pelos veículos selecionados. Ainda como parte da metodologia, foram construídas categorias de análise de conteúdo (Bauer 2004; Casetti e Chio 1999), englobando especificidades e características comuns dos diferentes textos impressos e eletrônicos, sempre na perspectiva de identificar os modos mais evidentes de tratamento dados pelos veículos à problemática do HIV/Aids, assim como às temáticas

referentes à homofobia, assim conceituada por Daniel Borillo (2001: 36):

A homofobia pode ser definida como a hostilidade geral, psicológica e social, a respeito daqueles ou daquelas de quem supõe-se que desejam indivíduos de seu próprio sexo ou têm práticas sexuais com eles. Forma específica do sexismo, a homofobia rechaça também a todos os que não se conformam com o papel predeterminado por seu sexo biológico. Construção ideológica consistente na promoção de uma forma de sexualidade (hetero) em detrimento de outra (homo), a homofobia organiza uma hierarquização das sexualidades e extrai dela consequências políticas.

Como estratégia específica de apresentação dos resultados para as finalidades que nos propomos neste artigo, a homofobia somente será considerada quando aparece como manifestação direta dos preconceitos contra portadores do HIV, ou quando envolta em silenciamento pelos veículos noticiosos analisados. A razão é que, se nos anos iniciais da década de 1980, a Aids contribuiu fortemente para o recrudescimento da homofobia, na atualidade ela não necessariamente está associada – especialmente no recorte empírico encoberto pela pesquisa nos veículos acima mencionados – com formas de rechaço às homossexualidades. Desse modo, é possível notar que a cobertura do HIV/Aids ganha outros contornos, conforme aparece nas considerações a seguir.

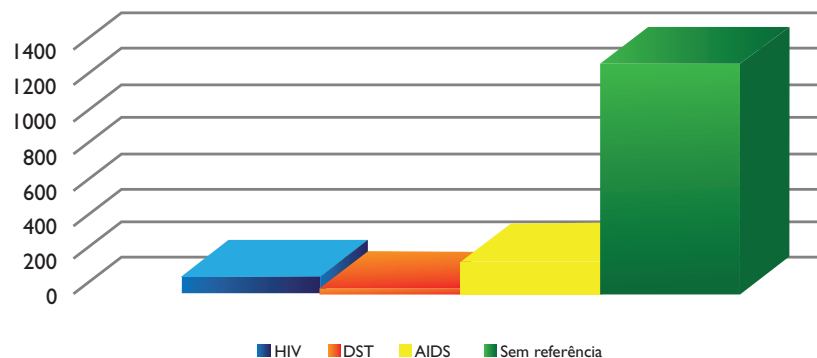
Pela natureza de síntese que orienta as reflexões aqui contidas, não nos deteremos na explicação prévia de cada categoria de análise. Elas serão delineadas

nas descrições de resultados que se seguem, apresentadas sob a forma de considerações acerca do conjunto das matérias jornalísticas, detendo-se em particularidades dos veículos somente quando da necessidade de realçar comportamentos significativos. Em relação às narrativas analisadas, elas foram verificadas em todas as editoriais dos veículos pesquisados, posto que o objetivo foi um mapeamento da cobertura sobre os temas que compõem o *corpus* sob escrutínio, buscando as mais variadas manifestações possíveis.

2. A Aids desencarnada

O quadro abaixo indica a quantidade de matérias jornalísticas que se referiam ao HIV/Aids, coletadas nos seis meses em que se deu o acompanhamento dos veículos jornalísticos que compuseram o *corpus* da pesquisa. É significativo observar que, de quase 1500 matérias coletadas na pesquisa, menos de um sexto delas fizeram referência à Aids. Uma vez que a pesquisa baseou-se na verificação dos termos linguísticos utilizados (“HIV”, “Aids” e “DST”), observou-se que as expressões se apresentavam sempre juntas, seja em par (basicamente HIV/Aids), seja em composição tríplice (HIV/Aids/DSTs). O quadro possibilita ver, então, que o termo “Aids” foi o mais frequente e o total de matérias em que esteve presente engloba os dados das demais expressões.

Quadro 1. Número de matérias sobre HIV/Aids



Como as primeiras notícias sobre a Aids veiculadas pela mídia não especializada, no início dos anos 1980, foram marcadas significativamente pela associação da síndrome aos homossexuais masculinos, a princípio a partir do conceito de “grupo de risco”, segundo o qual o vírus atingiria apenas determinados agrupamentos de indivíduos, em época de cobertura de rotina uma das preocupações foi verificar que relações foram estabelecidas com as populações LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis (Bastos et al. 2004; Blouin et al. 1987). Nesse sentido, observa-se que a Aids, hoje, na maior parte da cobertura jornalística, não surgiu associada a qualquer identidade ou mesmo a comportamento sexual específico². Em outras palavras, a maior parte das notícias recolhidas remetia ou a descobertas científicas ou tratavam da prevenção do HIV de modo genérico, frequentemente acentuando o papel do uso da camisinha, mas sem nenhuma referência a identidade, seja LGBT, seja heterossexual, ou mesmo à prática sexual particular.

Se uma primeira visada nas especificidades daquelas coberturas da década de 1980 poderia sugerir abordagens correlacionando a síndrome e homossexuais masculinos como consequência do conceito então em voga de “grupos de risco”, uma mirada mais atenta aponta para

uma questão mais central. Naquele momento, a aparição da síndrome foi tratada como o resultado/ consequência de identidades e seus comportamentos “típicos”, visível em discursos vindos de diversas instâncias da vida social que se aproveitaram a suposta incidência específica do HIV para levar adiante “explicações” preconceituosas e marcadas por visões estereotipadas do que seria um “estilo homossexual” de vida. Exemplos são os discursos religiosos que atribuíram o surgimento da síndrome a castigos divinos contra praticantes de sexo antinatureza, as explicações sem fundamento científico de que homossexuais masculinos seriam mais propensos à síndrome pelo uso de produtos ligados à modelagem corporal, a “denúncia” de que a síndrome seria resultado do sexo promíscuo, dentre outras formas de “explicar” a Aids e suas consequências. Naqueles mesmos autores, é possível perceber que, se os demais “grupos de risco” (usuários de drogas injetáveis, prostitutas, haitianos e hemofílicos) cedo tenderam a não mais aparecerem associados à síndrome, a ligação dela aos homossexuais permaneceu como um rastro, ainda hoje não de todo apagado. Mas é ainda nas primeiras coberturas que se evidenciou a natureza forte da associação HIV/Aids e homofobia, especialmente em manchetes produzidas em jornais pelo mundo afora com referências à síndrome como “peste gay”, “câncer gay”, “peste rosa” e similares.

A virada que agora se percebe, de pouca associação entre HIV/Aids e homossexualidades, por um lado pode ser considerada como algo positivo, pois não circunscreve a infecção a um grupo em particular; por outro, no entanto, gera a pergunta sobre as implicações da dissociação da síndrome a comportamentos que podem envolver riscos de transmissão.

Esses riscos, é importante lembrar, não se circunscrevem às práticas sexuais desprotegidas, independente das parcerias, ou ao compartilhamento de seringas, mas envolvem também a necessidade de controle nas transfusões de sangue e hemoderivados, além dos cuidados específicos por parte de diversos profissionais da saúde. A Aids “desencarnada” de corpos e práticas tanto pode contribuir para uma gradual eliminação e/ou minimização dos preconceitos que associam o HIV/Aids às populações LGBT, por exemplo, quanto pode auxiliar na construção de um sentimento geral de que a síndrome se encontra agora restrita, em sua problemática mais geral, ao campo médico-científico. Caso prevaleça o último ponto de vista, corre-se o risco de não mais considerar o HIV/Aids como um problema de saúde pública, tornando-o circunscrito ao foro individual – em termos de hábitos e práticas de prevenção – ou de estrito interesse científico. Se o abandono de tons mais alarmistas e frequentemente discriminatórios surge como conquista e talvez amadurecimento na abordagem da Aids, o distanciamento da síndrome e suas formas de disseminação na vida cotidiana das pessoas traz a pergunta se a informação produzida de fato alteraria padrões de comportamento e modos de agir dos cidadãos.

Essa dúvida é acentuada quando se tem em mente o quanto o sistema midiático é dependente das relações de identificação e proximidade que estabelece com seus leitores/ouvintes/telespectadores (Fontcubierta e Borrat 2006; Mouillaud e Porto 1997). Assim, é estratégia recorrente nas notícias a singularização dos temas e

acontecimentos através do uso de casos exemplares ou mesmo a materialização de grandes questões na rotina cotidiana dos indivíduos (Gomis 1992). Ao se falar das expectativas quanto a um grande jogo de futebol, sobre a procura de emprego ou sobre o comércio no Dia dos Pais, por exemplo, as notícias – na maioria dos veículos – trazem, em meio a dados gerais, situações particulares de um ou outro indivíduo com a camisa do seu time, que está na fila de uma agência de empregos ou à busca de um presente de última hora num *shopping center* (Leal 2008). A proximidade, entendida em suas dimensões geográfica, identitária e psicológica, é fundamental para o vínculo entre veículos e consumidores e para a eficácia comunicacional das notícias.

À medida que a Aids surge então “desencarnada” da vida das pessoas, seja por uma abordagem por demais genérica ou centrada na pesquisa científica, pode-se questionar que se a preocupação em preservar grupos sociais e evitar alarmismos não gerou o gesto oposto, excessivamente cuidadoso, de enfrentamento das questões efetivamente sociais da propagação. A recorrência de matérias que associam HIV/Aids e centros de pesquisa indica um modo de tratamento “cientificista”, voltado para as descobertas de tratamentos e avanços em pesquisas. Nessa mesma direção, a pouca associação do tema com outros agentes sociais indica a sua circunscrição a um terreno estreito, seja do Estado ou da ciência, ou seja, sugere um modo específico de visibilidade da Aids hoje. Há, aqui, um contraste relevante com o que indicam as pesquisas sobre a cobertura inicial do HIV/Aids, anteriormente referidas, pois naquele momento o

Estado e a ciência ocuparam papel de destaque, mas sem a hegemonia que agora se nota.

Ao que parece, passado o momento de lutas pela construção da síndrome como “doença social”, envolvendo, portanto, a necessidade de que ela não fosse medicalizada ao extremo, estaríamos testemunhando um certo retrocesso, dado que a cientificização extrema da síndrome traz como riscos, dentre outros, o seu afastamento da vida cotidiana e, mais ainda, o silenciamento de vozes como as que clamam pela universalização do acesso à medicação e dos necessários cuidados para não restringir as formas de tratamento ao interesse majoritário da indústria farmacêutica. A substituição, na maioria dos textos, das referências às identidades LGBT pelos atores acima descritos, é claramente indicativa e problematizadora de um novo comportamento das mídias noticiosas no tratamento do HIV/Aids.

Quando nos referimos a uma maior cientificização na cobertura da Aids hoje, comparativamente à década de 1980, para além da ausência das diversas instâncias sociais que buscaram evitar a excessiva medicalização da síndrome, estamos apontando também para uma perceptível mudança dos demais atores sociais mais ouvidos em cada momento. Exemplar no caso brasileiro, é que já na metade dos anos 1980 foram criados vários Gapas (grupos de apoio e de prevenção à Aids), ouvidos àquela época em número significativo de textos jornalísticos que tratavam da síndrome e seus contornos médicos, científicos e sociais (Carvalho 2009). Embora os Gapas continuem ainda em plena atividade, raramente foram

Quadro 2 . Relação dos agentes sociais indicados como protagonistas nas notícias

HIV/AIDS X AGENTES DAS NOTÍCIAS	VEJA	JN	MGTV	FOLHA DE S. PAULO	O GLOBO	O TEMPO	TOTAL
HIV/AIDS X EXECUTIVO	2	0	0	21	13	14	50
HIV/AIDS X JUDICIÁRIO	0	0	0	2	0	3	5
HIV/AIDS X LEGISLATIVO	0	0	0	0	1	2	3
HIV/AIDS X MOVIMENTOS SOCIAIS	0	0	0	2	5	4	11
HIV/AIDS X AGENTES CULTURAIS	0	0	0	7	3	2	12
HIV/AIDS X MÍDIA	0	1	0	4	4	1	10
HIV/AIDS X POLÍCIA	0	0	0	2	0	1	3
HIV/AIDS X ANÔNIMOS	6	0	0	32	16	5	59
HIV/AIDS X IGREJA	0	0	0	8	3	0	11
HIV/AIDS X PERSONALIDADES	3	0	0	10	13	8	34
HIV/AIDS X UNIVERSIDADES/ CENTROS DE PESQUISA	4	0	0	14	13	20	51

ouvidos como fontes nas matérias por nós analisadas. Não se trata aqui de destacar que outros atores dominaram a cena, mas de reconhecer que esse privilégio ao Estado e à Ciência são indicativas de menor relevância dada às questões sociais, em favor de coberturas que favorecem avanços científicos na produção de medicamentos, os impasses nas pesquisas sobre uma vacina, dentre outras questões ligadas mais fortemente ao campo do escrutínio típico dos cientistas. Como hipótese, embora os limites da pesquisa não nos permitam confirmações, é possível indicar que, se nos anos 1980, muito da visibilidade dada às entidades não governamentais de combate à Aids, se voltava em especial para o combate aos preconceitos contra homossexuais, à medida que a noção de “grupos de risco” perdeu sua força heurística relativamente às incidências, tínhamos então uma inflexão que implicou na menor busca de atores sociais que, desde então, lutam contra todas as

formas de preconceito relacionados à síndrome.

Como indicamos acima, essa nova realidade, inevitavelmente, desprivilegia uma miríade de pessoas e organizações direta ou indiretamente afetadas pelo HIV/ Aids, como se suas formas de percepção da síndrome fossem menos esclarecidas, por exemplo, do que as dos agentes científicos ou governamentais. Esse processo, como consequência, leva ao silenciamento de uma grande quantidade de questões que continuam não totalmente resolvidas quando se trata do HIV/ Aids. Para ficar em poucos exemplos, lembre-se a efetivação da promessa de universalização no acesso a medicamentos e a participação de entidades não governamentais na elaboração de campanhas de prevenção promovidas por órgãos de governo nos níveis municipal, estadual e federal.

No Brasil, a despeito de práticas de acesso a medicamentos e tratamento universalizados datarem

dos anos 1980, indicando políticas de razoável sucesso e alcance, restam ainda problemas nessas esferas, que são alvo de ações de diversas entidades, por exemplo, aquelas voltadas para a atenção a crianças HIV positivas que necessitam de cuidados que vão além da medicação. Quando pensadas nas relações mais amplas com as formas de propagação do vírus, não por acaso é um órgão de governo, como o Ministério da Saúde, que acaba assumindo o protagonismo nas estratégias de visibilidade, não somente dos dados que lhe são pertinentes sobre o HIV/Aids (a exemplo de estudos epidemiológicos), como uma certa “militância” contra a homofobia. Essa militância, nos anos 1980, aparecia nos veículos noticiosos identificada majoritariamente com os atores não governamentais.

Sintomático dessa mudança de setores sociais ouvidos para as matérias sobre HIV/Aids, como nossas pesquisas ressaltam, é que os movimentos sociais têm agora

pouquíssima inserção no sistema midiático, ao contrário do que se observou no passado. Grupos de apoio e prevenção à síndrome, dentre outros de lutas pelos direitos humanos, vale acentuar, foram fundamentais no enfrentamento da Aids, contribuindo, no caso específico do Brasil, para que o Estado assumisse responsabilidades no tratamento e prevenção (Parker 1994; Mann et al. 1993). Foram, além disso, os que tematizaram o problema dos preconceitos, contribuindo decisivamente para noções menos prejudiciais, seja às populações LGBT, seja para os portadores da síndrome.

As razões mais profundas dessa mudança, que contrasta com uma maior quantidade de agentes envolvidos no ativismo em torno do HIV/Aids, no Brasil e no mundo, quando cotejados os anos 1980 e a atualidade, nos escapam, em razão dos limites da própria pesquisa empreendida, que não teve dentre seus objetivos fazer um levantamento das ações de divulgação para a mídia e para o público em geral das atividades que cada um desses atores desenvolve. Uma hipótese é que a “institucionalização” do combate à síndrome, não somente por organismos governamentais no interior de cada país, mas também por parte de organismos supranacionais (ligados à ONU, por exemplo), pode ter contribuído para que as mídias noticiosas tenham deixado, em segundo plano, ativistas alheios às esferas governamentais. Os agentes institucionais, nesse sentido, podem parecer mais “confiáveis”, à medida que na maioria das vezes em que aparecem em cena estão munidos de dados estatísticos, planos de ação e demais estratégias que podem ser lidas pelas

mídias como informação mais qualificada do que reivindicações que não necessariamente estão acompanhadas por gráficos, tabelas ou indicadores similares, embora nem por isso sejam menos relevantes quanto aos problemas que suscitam, especialmente por retratarem dilemas cotidianos que acabam ocultados pelas racionalidades gerenciais.

Como indica o Quadro 2, os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, especialmente a partir das ações das áreas de saúde, são os agentes que mais se destacam no envolvimento mais diretamente político-institucional com as questões referentes ao HIV/Aids, somente superado pelos Anônimos como fontes e/ou personagens. As matérias tendo o Executivo como agente refletiram ou repercutiram ações específicas de controle e prevenção, em parte, relacionadas à campanha de enfrentamento de DST's/Aids promovida pelo Ministério da Saúde. Quanto às personagens que não são figuras públicas, chamadas aqui de anônimos, eles não configuram importância atribuída às *pessoas comuns* portadoras do HIV, como se poderia supor em uma leitura apenas quantitativa, uma vez que surgem nas matérias como personagens das histórias narradas, em consonância com a estratégia de singularização observada acima. Nesse sentido, é curioso observar que tais personagens não são dotados de individualidade a tal ponto de explicitarem sua orientação sexual ou suas práticas afetivo-sexuais cotidianas.

Os centros de pesquisa e Universidades, por sua vez, que também aparecem em destaque como agentes, se apresentaram em notícias que tiveram como foco tentativas, fracassos ou conquistas

na elaboração de novas drogas de controle ou de um caminho para a cura da síndrome. Essas instituições, portanto, se tornaram os protagonistas, os heróis, de uma “guerra” cotidiana contra a síndrome, acompanhada em seus momentos de esperança, júbilo e decepção. Já quando personalidades – aqueles indivíduos dotados de notoriedade, especialmente artistas – estão apresentadas nas narrativas noticiosas sobre HIV/Aids, não se trata necessariamente de seu envolvimento em campanhas de esclarecimento, mas, muitas vezes, pela promoção de algum produto cultural que os tenha como tema (filmes, livros, peças teatrais etc.), situação semelhante ao aparecimento de agentes culturais e da própria mídia como fonte e/ou promotora de evento relacionado à síndrome. Nestes casos, o HIV/Aids tanto apareceu como temática principal, quanto secundária.

3. Rastros identitários

Nas poucas matérias em que houve a associação com identidades ou práticas sexuais, verifica-se o resquício da noção inicial de grupos de risco, com sua limitação de exposição ao HIV quase exclusivamente pelo contato sexual. Além disso, observou-se a predominância da associação HIV/Gay, sendo o termo “gay” usado como designação genérica para toda a população LGBT. Em que pese o fato de o imaginário social muitas vezes referendar o termo “gay” como categoria que explicaria indistintamente qualquer pessoa que tem laços afetivos ou sexuais com pessoas de mesmo sexo, estudos sobre sexualidade, especialmente aqueles que abordam mais diretamente as homossexualidades, têm chamado

Quadro 3. Associação Aids/Identidades LGBT, quando existente

HIV/AIDS X IDENTIDADES LGBT	VEJA	JN	MGTV	FOLHA DE S. PAULO	O GLOBO	O TEMPO	TOTAL
HIV/AIDS X GAY/HSB	1	0	0	18	16	10	45
HIV/AIDS X TRAVESTIS	0	0	0	3	6	5	14
HIV/AIDS X LÉSBICAS/MSM	0	0	0	4	3	2	9
HIV/AIDS X TRANSGÊNEROS	0	0	0	3	3	3	9
HIV/AIDS X BISSEXUAIS	0	0	0	3	5	2	10
HIV/AIDS X LGBT/GLS	0	0	0	1	2	3	6
HIV/AIDS X TRANSFORMISTAS	0	0	0	0	0	1	1

atenção para o quanto essa noção é tributária da essencialização e da naturalização do sexo a partir de uma matriz exclusivamente biológica (Butler 2007, 2008; Louro 2007). Desse modo, as mídias noticiosas que compõem nossa pesquisa não conseguem ir além da reafirmação do senso comum sobre as identidades LGBT, tomando-as como dados que não têm qualquer relação, por exemplo, com as complexas noções de gênero que modernamente orientam estudiosos das sexualidades, incluindo esforços no sentido de compreender em que medida a vulnerabilidade ao HIV pode se intensificar para pessoas vítimas de homofobia (Pérez 2005) ou ainda considerando a especificidade dos indivíduos transgêneros.

Os modos como as identidades LGBT aparecem em nosso corpus, além das dificuldades conceituais descritas acima, por outro lado, resultam em parte da campanha de prevenção adotada pelo Ministério da Saúde em 2008, voltada para homossexuais e outros homens que fazem sexo com homens. Sem essa campanha, a quantidade de notícias

com a associação Aids/LGBTs seria certamente mais reduzida, confirmando ainda mais a imagem da síndrome desencarnada. Quanto aos demais componentes do universo LGBT, se por um lado houve pouca associação HIV/Lésbicas e Transexuais, por outro, verificou-se que a associação HIV/Travestis é a segunda de maior ocorrência, indicando uma naturalização dessa relação. Travestis mantiveram-se, nos materiais jornalísticos analisados, como grupo “preferencial” de incidência do HIV/Aids, provavelmente como consequência dos diversos estereótipos que marcam essa população (Kulick 2008; Silva 2007; Benedetti 2005). As mídias noticiosas analisadas não buscaram, em suas abordagens, questionar as raízes históricas desse tratamento circunscrito, frequentemente caricaturizado, das travestis, o que poderia levar a novas concepções sobre o grupo. Segundo as concepções correntes, as travestis são vistas pela ótica da prostituição e da violência, habitantes de um submundo cultural no qual, no limite, pode restar pouca humanidade. Estudos como os de Benedetti (2005) e Silva (2007)

indicam as travestis, para além desses limites caricaturais, e apesar deles, como um grupo no qual as próprias formas de lidar com as relações sexuais e afetivas são mais desluzantes e cambiáveis. Nesse sentido, a distinção entre travestis e transgêneros buscou apanhar os modos como os veículos analisados lidavam com tais identidades, ou seja, distinguindo-as acriticamente. Tal distinção já havia sido detectada no período de testes que antecedeu à coleta de dados e que ocorreu no segundo semestre de 2007.

Como comportamento geral, verificou-se cobertura numericamente mais significativa, em termos de associação das identidades com HIV/Aids, nos jornais *O Globo* e *Folha de S. Paulo*, e a ausência de referência identitária na revista *Veja* e no *Jornal Nacional*. Em relação aos dois últimos veículos, não foi possível estabelecer com precisão se a ausência de referência identitária às populações LGBT indica um avanço na compreensão do HIV/Aids como fenômeno que abrange a todos os seres humanos, portanto, a ser compreendido fora da antiga noção de “grupos de risco”, ou a

um silenciamento sobre essas populações que pode indicar dificuldades mesmo de abordá-las diretamente em suas coberturas noticiosas. No jornal *O Tempo*, a associação HIV/Aids/identidades sexuais não foi expressiva ao longo da pesquisa. Essa quase ausência de identidade sexual nas matérias sobre HIV/Aids, num jornal que tem uma página semanal dedicada às realidades político-culturais LGBT, sugere que para esse veículo a temática não passa mais pela questão dos chamados “grupos de risco”, dentre eles os homossexuais, que foram durante muito tempo associados ao vírus nas coberturas jornalísticas. Já quanto ao *MGTV 2ª Edição*, verifica-se, neste telejornal, um total silenciamento no que diz respeito à temática do HIV/Aids, supostamente por tratar-se de um noticiário veiculado no início da noite, momento em que parte da audiência está chegando em casa e pouco disposta a enfrentar temáticas de tratamento complexo.

Em outra categoria de análise, ao cruzar “abordagem favorável ao controle/Prevenção do HIV/Aids” e “gênero jornalístico” é possível afirmar que o assunto se faz presente em todos os gêneros dos veículos impressos. Nesse sentido, se destaca a presença de “artigos” na *Folha de S. Paulo*, bem como a quantidade significativa de “cartas de leitores” em *Veja* e também na mesma *Folha de S. Paulo*. Além disso, há que se considerar a grande quantidade de “notas/notícias/reportagens” nos três jornais impressos, o que demonstra que o tema HIV/Aids parece ter ainda grande poder de noticiabilidade nesses veículos. Contrária a esse entendimento, vem a observação de que, entre esses gêneros tipicamente informativos, a Aids foi narrada em maior frequência na forma de

notas, ou seja, de textos curtos, rápidos, oriundos em sua maioria de *press-releases* e de despachos de agências de notícias.

Como se pode notar, apesar de ser possível observar um conjunto de recorrências, que proporcionam um caráter genérico do tratamento da Aids pelos veículos jornalísticos brasileiros analisados, é fundamental considerar a especificidade do modo com que cada um deles trabalha a questão. Cada veículo jornalístico tem uma identidade própria (Leal 2009; Mouillaud 1997), constituindo rotinas produtivas (Wolf 1994) e modos peculiares de relação com temas, agentes sociais e fontes (Charaudeau 2006; Cornu 1994). No caso brasileiro, é preciso ainda considerar, por um lado, a localização regional dos veículos, mesmo aqueles que se propõem a ser nacionais, e a concorrência entre eles, e por outro, o quão desafiadores para a fala jornalística são os temas relacionados à sexualidade (Leal e Carvalho 2009).

O destaque às questões científicas na abordagem do HIV/Aids parece coerente com a perspectiva do tratamento dado ao tema a partir da sua caracterização como de rotina. Vistos em suas especificidades, todos os veículos da amostragem, quando não se silenciam sobre o HIV/Aids, seguem essa tendência. Na *Folha de S. Paulo*, as matérias são quase sempre colocadas sob um olhar cientificista, dada sua grande ligação com as universidades e centros de pesquisa observada ao longo do período de análise. *O Globo*, da mesma forma, teve como principais matérias as que tratavam de novas descobertas sobre medicamentos e de pesquisas a respeito da busca por uma vacina.

No jornal *O Tempo*, as matérias

e reportagens que tinham o vírus HIV e a Aids como temáticas foram publicadas, em grande parte, na seção *Interessa*, que trata de assuntos ligados a ciência, medicina e biologia. As reportagens coletadas tratavam de pesquisas da medicina sobre o vírus, assim como medicamentos. A tendência ao tratamento cientificista da síndrome, presente também nos outros jornais analisados nesta pesquisa, indica a prevalência do discurso médico-biologista na cobertura jornalística atual, como se pode observar na notícia intitulada “Cientistas norte-americanos dizem ter encontrado o ponto fraco do vírus da Aids”, publicada no dia 18 de julho na seção *Interessa*, do jornal mineiro *O Tempo*, em que as descobertas sobre o vírus HIV são explicadas pelos médicos e cientistas de forma técnica, envolta no discurso científico.

Outro elemento indicativo da cobertura do HIV/Aids como tema de rotina, tal como observou Traquina, é o pequeno alcance dos acontecimentos programados com vistas a manter a temática sempre no foco das mídias noticiosas. Ainda que tenham gerado notícias, esses acontecimentos pouco repercutiram para além de sua emergência. A esse respeito, é ilustrativa a posição do *Jornal Nacional* em relação a dois desses acontecimentos. Em dezembro de 2007 (analisada nessa pesquisa ainda na fase de testes dos instrumentos de coletas de dados e da composição das categorias analíticas), por ocasião do Dia Mundial de Combate à Aids, o telejornal de maior audiência no Brasil apresentou, em seu quarto bloco, duas matérias sobre o tema: uma sobre as manifestações em diversas cidades, outra sobre avanços científicos. A matéria que teve como objeto a série de manifestações ocorridas no mundo, articulou

tanto algumas mais institucionais, como falas de presidentes, e outras mais reivindicatórias e populares. Ao longo de pouco mais de um minuto, o *JN* articula imagens e falas de diferentes lugares e contextos. Nessa mistura, é possível entrever alguns modos distintos de relação com a infecção por HIV, como o apoio às vítimas, a cobrança de ação mais efetiva do Estado e a busca por cura ou por medicamentos mais eficazes. Todos esses modos, por sua vez, são organizados e dispostos na narrativa de modo a dar coerência à leitura do mundo realizada pelo JN, que ao fim e ao cabo da matéria, afirma que “culturas e religiões distintas unem-se no combate a um inimigo comum” (Leal 2008).

Em outras palavras, as matérias pouco informaram sobre a Aids, fazendo apenas o rápido registro de manifestações e de recentes descobertas. Já em fevereiro de 2008, quando o Ministério da Saúde lançou uma campanha nacional de prevenção à Aids, com foco, naquele ano, aos homossexuais masculinos e aos homens que fazem sexo com homens, o *Jornal Nacional* não dedicou nenhum segundo sequer a esse acontecimento: nada foi noticiado, como que nada houvesse acontecido.

4. Algumas considerações finais

No que diz respeito às questões relativas ao HIV/Aids, se por um lado temos um amplo posicionamento favorável ao seu combate, reconhecendo a gravidade dos problemas vinculados à síndrome, por outro é notável como a rotinização da cobertura jornalística levou a uma espécie de esvaziamento dos aspectos sociais, políticas e morais de um tema tão complexo. Há, como consequência, redução de matérias informativas abordando assuntos

comportamentais, o que reflete, positivamente, a não estigmatização de fundo homofóbico, sexista (Borillo 2001; Smigay 2002) ou racista tão presente nos primeiros tempos da Aids. No entanto, indica também um certo descuido com a necessidade de não reduzir o tema às visões de natureza científica, especialmente ligados a descobertas sobre o vírus e novos medicamentos, que passaram a predominar no noticiário, muitas vezes com textos que refletem muito mais especulações do que descobertas concretas.

Uma consequência dessa postura frente ao HIV/Aids é que não há, nas matérias jornalísticas analisadas, qualquer tipo de relação entre práticas homofóbicas e/ou sexistas e a vulnerabilização ao contágio. Uma possível explicação para isso, além da dificuldade em lidar com a diversidade sexual e as questões de gênero, está no desconhecimento demonstrado sobre formas diversas de manifestação da homofobia, apontada por alguns estudiosos como importante no que se refere a estratégias de prevenção ao HIV/Aids.

O tratamento a qualquer temática sob a perspectiva de acontecimentos de rotina, tal como se pode perceber em nossa análise, contém, portanto, ambiguidades. Se de um lado, positivamente, já se encontram superados mal entendidos iniciais, assim como não se registram mais coberturas sensacionalistas, por outro há uma clara tendência de menor investimento no tema – que se tornou então dependente de material de divulgação de instituições de pesquisa e do Estado, além da ação de agências de notícia. Da mesma forma, a abordagem “cientificista” implica, como foi dito, um esforço de evitar contornos mais delicados e complexos da Aids. Significativo desse silenciamento foi o comportamento do MGTV 2ª Edição, que simplesmente ignorou o tema em todo o período do

nosso recorte de pesquisa. Para além de qualquer explicação, que pode envolver, por exemplo, estratégias de pautas que, devido ao horário de veiculação (aproximadamente 19 horas), indicariam escolhas que evitariam expor o público a temas complexos, fica a necessidade de pensar o silêncio como uma possível nova forma de estigmatização. Afinal, esse mesmo veículo, por se tratar de um telejornal local, teria grandes condições de tocar em temas e fatos importantes vinculados ao cotidiano da Aids, como a situação dos postos de distribuição de medicamentos, atos cotidianos de discriminação ou ações específicas de diversos agentes vinculados à síndrome, como médicos, prefeituras, ongs, etc.

No que diz respeito aos silenciamentos, eles não afetam apenas as pessoas diretamente atingidas pelas consequências do HIV/Aids, mas representam, além da restrição à necessária multiplicidade de vozes em uma narrativa jornalística, também o apagamento ou pouca importância dada às formas de disseminação do vírus no Brasil e no mundo. As próprias pesquisas médicas, privilegiadas em boa parte da cobertura noticiosa aqui analisada, não estão refletidas em sua maior diversidade, o que nos remete ao problema anteriormente apontado de uma desconsideração dos problemas sociais mais diretamente envolvidos nas atuais configurações da disseminação do HIV/Aids. Afinal, as questões sociais vinculadas à Aids não deixaram de ser alvo da comunidade científica e das pesquisas realizadas no Brasil e no mundo todo, que tem identificado, por exemplo, na distribuição da síndrome diferentemente em função de variáveis como condições econômicas, gênero ou hábitos culturais.

Em outras palavras, os dados sugerem que se não há mais a mácula identitária, a Aids permanece como uma doença estigmatizada que exige cuidados ao ser abordada. Esse

cuidado, extremado, transforma a síndrome no alvo de uma guerra que acontece num mundo distante do cotidiano – aquele da ciência e dos cientistas. É curiosa, então, a contradição: sendo rotineira, a Aids se apresenta nos veículos analisados como um acontecimento

que se dá num outro universo, aquele dos números e dos tubos de ensaio. É como se, ao longo desses anos, o vírus HIV, ao deixar de ser associado forte e dramaticamente à morte, deixasse também de fazer parte da vida, especialmente da vida cotidiana de qualquer pessoa. ■

¹ Artigo inédito, com parte das conclusões da pesquisa “Mídia e homofobia”, realizada entre 2007 e 2008, e financiada pelo Ministério da Saúde e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais [Fapemig].

² Aqui nos referimos à capacidade dos veículos noticiosos de darem conta adequadamente da diversidade de práticas sexuais e afetivas identificadas com o universo LGBT. Adiante, quando da análise pormenorizada das relações entre HIV/Aids e sexualidade, as formas de associação presentes nas matérias analisadas serão melhor compreendidas.

Bibliografia

- Alsina, Miguel Rodrigo. 1989. *La construcción de la noticia*. Barcelona: Paidós Comunicación.
- Bastos, Cristiana, Jane Galvão e Richard Parker, orgs. 1984. *A Aids no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ABIA/IMS-UERJ.
- Bauer, Martin W e George Gaskell. 2004. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*, 3a ed. Petrópolis: Vozes.
- Benedetti, Marcos Renato. 2005. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Blouin, Claude, Eric Chimot, e Jacques Launere. 1987. *Aids, informação e prevenção: imprensa e medicina em busca de respostas*. São Paulo: Summus Editorial.
- Borillo, Daniel. 2001. *Homofobia*. Barcelona: Belaterra.
- Butler, Judith. 2007. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"*. Em *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*, Guacira Lopes Louro, org., 151-172. Belo Horizonte: Autêntica.
- _____. 2008. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Camargo Jr., Kenneth Rochel de. 1994. *As ciências da Aids e a Aids das ciências: o discurso médico e a construção da Aids*. Rio de Janeiro: Abia/IMS-UERJ/Relume-Dumará.
- Carvalho, Carlos Alberto de. 2009. *Visibilidades mediadas nas narrativas jornalísticas: a cobertura da Aids pela Folha de São Paulo de 1983 a 1987*. São Paulo: Editora Annablume.
- Casetti, Francesco y Federico di Chio. 1999. *Análisis de la televisión*. Buenos Aires: Paidós.
- Charaudeau, Patrick. 2006. *O discurso das mídias*. São Paulo: Editora Contexto.
- Cornu, Daniel. 1994. *Jornalismo e verdade – para uma ética da informação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Fausto Neto, Antônio. 1999. *Comunicação e mídia impressa: Estudos sobre a Aids*. São Paulo: Hacker Editores.
- Fondcubierta, Mar e Hector Borrat. 2006. *Periódicos: sistemas complexos*. Buenos Aires: La Crujia.
- Gomis, Lorenzo. 1992. *Teoria del periodismo – cómo se forma el presente*. Barcelona: Ediciones Paidós.
- Kulick, Don. 2008. *Travesti*. Rio de Janeiro: Fundação Fiocruz.
- Leal, Bruno. 2008. Telejornalismo e autenticação do real. *E-compós*. 11(2): 1-13.
- _____. 2009. Para além da notícia: o jornal, sua identidade, sua voz. *Revista Fronteiras*. 11: 113-123.
- Leal, Bruno e Carlos Carvalho. 2009. Jornalismo e homofobia: ou pensa que falar é fácil? *E-compós* 12(2): 1-16.
- Leal, Bruno Souza, Carlos Alberto de Carvalho, Lucas Gomes, Phellipy Jacome, Ana Dourado, e Michélie Torres. 2007. *Mídia e homofobia*. Relatório de pesquisa. Belo Horizonte/Brasília: Universidade Federal de Minas Gerais/Ministério da Saúde/Escritório das Nações Unidas contra Drogas e Crime.
- Louro, Guacira Lopes, org. 2007. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Loyola, Maria Andréa, org. 1994. *Aids e sexualidade – o ponto de vista das ciências humanas*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/UERJ.
- Mann, Jonathan, Thomas Neter, e Daniel Tarantela, orgs. 1993. *A Aids no mundo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ABIA/IMS-UERJ.
- Mouillaud, Maurice e Sérgio Dayrell Porto, orgs. 1997. *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15.
- Parker, Richard. 1994. *A construção da solidariedade – Aids, sexualidade e política no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ABIA/IMS-UERJ.
- Pérez, Fernando Villaamil. 2005. *Homofobia/heteronormatividade e inequidade social como factores estructurales de riesgo. Violencias y prácticas de riesgo frente al VIH entre homosexuales*.

<http://www.creacionpositiva.net/pdfs/PonenciaFernandoVillaamil.pdf>.

Pollak, Michael. 1990. *Os homossexuais e a Aids – sociologia de uma epidemia*. São Paulo: Estação Liberdade.

Ponte, Cristina. 2005. *Para entender as notícias – linhas de análise do discurso*. Florianópolis: Insular.

Silva, Helio R. S. 2007. *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco.

Smigay, Karin Ellen von. 2002. Sexismo, homofobia e outras expressões correlatas de violência: desafios para a psicologia política. *Psicologia em Revista*. 8(11): 32-46.

Sontag, Susan. 1989. *Aids e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras.

Traquina, Nelson. 2001. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Editora da Unisinos.

_____. 2005. *Teorias do jornalismo, vol. II: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa internacional*. Florianópolis: Editora Insular.

Tuchman, Gaye. 1978. *Making news: A study in the construction of reality*. Nova Iorque: Free Press.

Wolf, Mauro. 1994. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Editorial Presença.



LGBT people and AIDS in the journalistic routine: Coverage in Brazilian print and broadcast media in 2008

Bruno Souza Leal
Carlos Alberto de Carvalho

Abstract

Using content analysis and narrative analysis, the article seeks to understand news coverage on HIV/AIDS in major Brazilian print and broadcast media (*Folha de São Paulo*, *O Globo*, *Veja* and *Jornal Nacional*) as well as regional media (*O Tempo* and *MGTV – 2nd Edition*), in 2008. We explore contemporary coverage of HIV and its association with LGBT identities, seeking to understand what is made visible and perhaps silenced in coverage, whether of the issue in general or some aspect of it.

Key words

Journalism, AIDS, Brazil

About the author

Bruno Souza Leal obtained his doctorate in Literary Studies and is a professor in the Graduate Program of Communication at the Federal University of Minas Gerais (UFMG). He is a researcher with the National Council on Scientific and Technological Development. He is part of the Nucleus of Human Rights and LGBT Citizenship at UFMG and of the “Poetics of Experience” Research Group.

Carlos Alberto Carvalho obtained his doctorate in Communication. He is professor in the Graduate Program of Communication at UFMG. He is part of the Nucleus of Human Rights and LGBT Citizenship at UFMG and of the “Poetics of Experience” Research Group.

1. On the journalistic nature of the problem

Almost three decades after news agencies first informed the general public about the illness, AIDS continues to challenge journalists, doctors, social and government workers, and researchers in various fields.² These challenges are not limited to acquiring knowledge that might lead to more powerful medicines to counter the effects of HIV on the human organism, even as vaccine tests encounter a series of obstacles impeding their fruition. They also include two broad fronts directly involving the work of the media: prevention campaigns and other strategies to combat the spread of HIV, and the need to overcome prejudices that persist from an era when AIDS was believed to occur only among homosexual men, prostitutes, drug users, and hemophiliacs. National coverage of HIV/AIDS must therefore contend with a series of complex questions: from those noted above, for instance, to the roles, conflicts, and interests of various sources of information, be they located in the state, social movements, the medical community, large corporations, etc.

Just as it mobilized broad sectors of the medical-scientific and social communities (Camargo Jr. 1994; Loyola 1994; Pollak 1990; Sontag 1989), AIDS also prompted researchers to explore how the media, particularly the news media, dealt with the syndrome's emergence and development (Carvalho 2009; Traquina 2005; Fausto Neto 1999). While the varying theoretical and methodological approaches in these studies makes it difficult to draw conclusions about broad historic trends in news coverage of HIV/AIDS, they do reach some points of

agreement, for instance, about the most frequently cited sources and the coverage of the controversial issue of prejudices. As an issue, AIDS challenged standard journalistic procedures (Ponte 2005; Alsina 1989; Tuchman 1979), as Fausto Neto (1999: 15) explains:

From a political standpoint, AIDS can be characterized as an ethical, moral, technological and cultural question, structured by different practices in socio-institutional fields. Symbolically, AIDS is a signifier with various dimensions resulting from the different constructions of meaning, reflecting the strategies of various institutions (media, political, religious, administrative, etc.). It is this dual articulation (macro-political and micro-discursive) that produces institutions' capacity to semanticize the notion of AIDS and consequently to demarcate the boundaries of meaning attributed to AIDS.

Unlike the early years, when the mass media covered AIDS as a new development, today we must consider how the news addresses the issue by incorporating it into everyday life. Whether due to the attenuation of its initial impact -- rooted in various social prejudices, particularly against homosexual men -- to the improved life prospects of people living with HIV, to the passage of time or a number of other reasons, AIDS is no longer treated as breaking news but rather as part of the journalistic routine, timed around developments in scientific research and the actions of health, state, and other officials. Analyzing news coverage of the syndrome, Traquina (2005: 130) argues that the issue "could very well be described as a ongoing 'story,'"

whose chapters or episodes unfold regularly through the editions of various news channels. For this reason, we start with the assumption that the media covers the syndrome today like it does other routine events: the repeated reports of traffic accidents, the constant political scandals, or the endless fluctuations of the economy. Repeatable as a phenomenon though specific in their singularities, routine events retain their journalistic appeal, imbued with possibilities of recounting the multiple social realities that transverse them, which they themselves help to mold.

Seeking to understand why AIDS remains a recurrent topic on the news, Traquina (2001: 142) asserts:

Within the multiplicity of incidents, the weight of developing news stories, particularly those associated with biomedicine, and of ongoing stories has routinized news coverage of AIDS, so much so that preprogrammed events -- international conferences, publications in medical journals, and World AIDS Day -- have maintained the issue on the news agenda.

AIDS's newsworthiness, suggests Traquina, is linked to the inconclusive nature of its history, the lack of a cure, for instance, or HIV's continuing defiance of medical technologies and scientific knowledge. In other words, because its history is still unfolding, albeit less dramatically, and because it continues to mobilize various social actors, AIDS remains news, albeit routine and everyday. In this regard, it is worth noting Traquina's observation that what sustains its newsworthiness is not the social movement agenda but rather a kind of daily battle in the scientific arena.

In this respect, this article offers some reflections on Traquina's considerations. We examine data obtained through research that stemmed from a call for projects issued by the National STD/AIDS Program of the Ministry of Health, with the support of the United Nations Office on Drugs and Crime, and conducted by the Nucleus on Human Rights and LGBT Citizenship of the Federal University of Minas Gerais (Leal, Carvalho et al. 2007). Drawing on this data, we seek to outline how AIDS is presented as routine news, noting certain elements and dimensions that constitute this unfolding history.

The research objective underlying the data analyzed here was to understand the complex relations between the media and homophobia. We followed news stories during the period February 18-August 17, 2008, examining every edition of the major media channels in Brazil: the daily newspapers *Folha de São Paulo* (national edition) and *O Globo* (national edition); the weekly magazine *Veja*; and *Jornal Nacional* [National News] on the TV Globo Network. The research also contemplated two regional channels from Belo Horizonte, Minas Gerais: The newspaper *O Tempo* and the television news show *MGTV-2nd Edition*, on the Minas Globo Network.

The selection of news channels followed two criteria: a.) Newspapers and one magazine with a national circulation, which often set the agenda of other news channels, as well as the top-rated and most influential television news show in Brazil; and b.) a newspaper from Minas Gerais with a weekly column on issues related to sexual diversity, an

important area for the research, and the television news program with the largest audience in Belo Horizonte and surrounding cities. Our methodological approach combined a quantitative instrument producing data for statistical analysis with instruments to identify the linguistic and narrative interplay in the news stories and channels selected. As part of this methodology, we constructed categories of content analysis (Bauer 2004; Casetti and Chio 1999) that took into account the specificities and commonalities of the various print and broadcast texts, always with the goal of identifying how the channels addressed the question of HIV/AIDS as well as issues related to homophobia, as understood by Daniel Borillo (2001: 36):

Homophobia can be defined as a general psychological and social hostility toward those presumed to have desire for individuals of the same sex or to engage in sexual practices with them. A specific form of sexism, homophobia also rejects those who fail to conform to the role ascribed to their biological sex. An ideological construction consistent with the promotion of one form of sexuality (hetero) over another (homo), homophobia structures a hierarchy of sexualities, deriving political consequences from it.

As a specific strategy to present our findings for the purposes of this article, homophobia is only considered when it appears as a direct expression of prejudices against people living with HIV or shrouded in silences in the news sources analyzed. If, in the early 1980s, AIDS contributed significantly to a retrenchment of homophobia, today, it is not

necessarily associated with a rejection of homosexualities, particularly in the empirical results from the abovementioned news channels. As we elaborate below, it is thus possible to identify the changing contours of news coverage on HIV/AIDS.

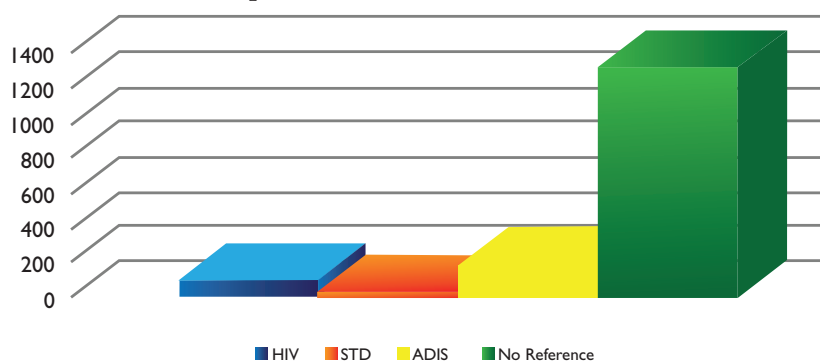
We do not stop here to explain each category of analysis. Rather, in the results that follow, we present them as a series of considerations on news coverage in general, addressing the particularity of a news channel only to highlight significant practices. We verified the narratives analyzed in every section of the channels examined, as our objective was to map coverage of the topics comprising the *corpus* under consideration, seeking the most varied expressions possible.

2. A Disembodied AIDS

The table below indicates the number of news stories on HIV/AIDS collected during the six months we followed the news channels comprising the corpus of our research. Significantly, of almost 1,500 stories collected in the study, less than one sixth mentioned AIDS. As the research was based on the identification of linguistic terms ("HIV," "AIDS," and "STD"), we always observed the expressions together (basically HIV/AIDS) or all three (HIV/AIDS/STD). The table shows that "AIDS" was the most common term and the number of stories including it outnumbered those with the other terms combined.

Because the first reports on AIDS in the mass media in the early 1980s were strongly marked by an association with homosexual men, through the concept of "high-risk groups," suggesting that the virus would only affect

Table 1. Number of reports on HIV/AIDS



specific groups of individuals, one of our concerns was to identify what relations were established with LGBT (lesbian, gay, bisexual, transsexual, and *travesti*) populations during this time of routine coverage (Bastos et al. 2004; Blouin et al. 1987).² In this regard, we found that in most news coverage today, AIDS does not appear associated with any identity or even particular sexual behavior. In other words, the majority of reports collected referred to scientific discoveries or to HIV prevention in a generic sense, often stressing condom use but without referring to any identity, whether LGBT or heterosexual, or indeed to any particular sexual practice.

If a first reading of coverage in the 1980s indicates an association of the syndrome with homosexual men as a result of the concept of “high-risk groups” then in vogue, a closer examination points to a more central question. The syndrome’s emergence was addressed at the time as a result/consequence of identities and their “typical” conduct. This was evident in discourses from various corners of social life that took advantage of the supposed specific incidence of HIV to advance “explanations” based on prejudice and stereotypes of a “homosexual lifestyle.” Examples included religious discourses that attributed the syndrome’s emergence to divine punishment

of those practicing unnatural sex; explanations with no scientific basis positing that homosexual men were more susceptible to the syndrome because of their use of body sculpting products; and the “accusation” that the syndrome resulted from promiscuous sex. If these same authors reveal that the association of other “high-risk groups” (intravenous drug users, prostitutes, Haitians, and hemophiliacs) with the syndrome soon stopped, traces of its association with homosexuals persist to this day. It was the early coverage, however, that reveals a strong association of HIV/AIDS and homophobia, particularly in headlines around the world referring to it as a “gay plague,” “gay cancer,” “pink plague,” and so on.

The shift we see today toward a limited association of HIV/AIDS with homosexualities might, on the one hand, be regarded as positive in that it does not circumscribe infection to a particular group. Yet it also raises questions about the implications of dissociating the syndrome from practices involving a risk of transmission. These risks, it is worth recalling, are not limited to unprotected sexual practices, whoever the partner, or to sharing needles; they also involve the need to control blood transfusions and hemoderivatives as well as specific precautions by various health professionals. An

AIDS dissociated from bodies and practices may contribute to the gradual elimination or minimization of prejudices, for instance, associating HIV/AIDS with LGBT populations, or it may contribute to a general sense that the syndrome is now restricted, as a general issue, to the medico-scientific field. If the latter is the case, we run the risk that HIV/AIDS may no longer be considered a public health issue but rather a question for individuals to deal with in terms of their habits and prevention practices or strictly a matter of scientific concern. If the abandonment of more alarmist and often discriminatory tones can be regarded as a victory or perhaps a maturation in the coverage of AIDS, the syndrome’s dissociation from how it is spread in people’s daily lives raises questions about whether the information produced will in fact change citizens’ patterns of behavior and practices.

The question becomes all the more important when one considers the media’s reliance on establishing relations of identification and closeness with their readers/listeners/viewers (Fontcubierta and Borrat 2005; Mouillaud and Porto 1997) This explains the common strategy in the news to use exemplary cases or to materialize larger issues through individuals’ everyday routines (Gomis 1992). When discussing expectations for a big soccer game, job hunting, or sales on Fathers Day, for instance, most media sources will include general data as well as particular situations of individuals wearing their team’s shirt, standing in line at an employment agency, or looking for a last-minute gift at a shopping center (Leal 2008). Proximity, understood in its geographic, identitarian, and psychological dimensions, is crucial to establishing links between news channels and their consumers and to the communicative efficacy of the news.

As a “disembodied” AIDS emerges dissociated from people’s lives, whether in approaches that are too generic or too focused on scientific research, one might ask whether the concern to protect social groups and avoid alarmism did not generate the opposite impulse: too much caution in addressing social questions that, in fact, propagate the illness. The recurrence of stories associating HIV/AIDS with research centers suggest a “scientific” approach, emphasizing the discovery of treatments and advances in research. Similarly, the limited association of the topic with other social actors reveals its circumscription within a narrow field, be it of the state or science. In other words, it points to the specific kind of visibility AIDS has today. There is a significant contrast here with the studies on early coverage of HIV/AIDS mentioned above: while the state and science occupied an important place then, it was not the hegemony we see today.

It would appear that today, after the fight to construct the syndrome as a “social illness,” rejecting its medicalization, has passed, we are witnessing a certain backsliding. The extreme scientificization of the syndrome implies certain risks, including its dissociation from everyday life and the silencing of voices like those demanding universal access to medicines and cautioning about restricting treatments to suit the overriding interests of the pharmaceutical industry. The fact that most reports have substituted the actors described above for LGBT identities clearly reveals and problematizes the new ways that the news media covers HIV/AIDS.

When we refer to the greater scientificization in the coverage of AIDS today compared to the 1980s, in addition to the absence of various

institutions that sought to avoid its excessive medicalization, we are also pointing to a notable shift in the social actors who are heard. An important example in Brazil are the Gapas (AIDS Support and Prevention Groups), created in the mid-1980s and cited in numerous reports at that time dealing with the medical, scientific and social contexts of the syndrome (Carvalho 2009). While the Gapas remain fully active, they are rarely heard in the reports we analyzed. The point here is not that other actors dominated the scene but rather that the privileging of science and the state reflect the limited salience of social questions in favor of coverage prioritizing scientific advances in the production of new drugs, obstacles in research to produce a vaccine, and other matters closely associated with scientific inquiry. While definitive conclusions are beyond the scope of this research, we can offer the hypothesis that while the visibility of non-governmental organizations combating AIDS in the 1980s underscored the fight against prejudices against homosexuals, as the notion of “high-risk groups” lost its heuristic force, the search for social actors fighting all sorts of prejudices associated with the syndrome since that time has declined.

As we indicated above, this new reality inevitably discounts a series of people and organizations directly or indirectly affected by HIV/AIDS, as if their ways of perceiving the syndrome are less valid than, for instance, scientific and government agents. Consequently, this process leads to the silencing of a number of questions about HIV/AIDS that are not entirely resolved. To mention only a couple of examples, we might note the actualization of the promise of universal access to medicine

and the participation of NGOs in the elaboration of government prevention campaigns at the municipal, state and federal levels.

In Brazil, despite measures to ensure universal access to medication and treatment dating from the 1980s, which have had some degree of success, problems in the area remain which various organizations are addressing, including, for instance, attention to HIV-positive children who require care beyond medication. In conceiving broader social relations such as those that propagate the virus, it is no coincidence that a government agency like the Ministry of Health takes center stage in terms of visibility, going beyond the epidemiological data to assume a sort of “activism” against homophobia. In the 1980s, this activism was primarily identified with non-governmental actors in the news.

Symptomatic of the change, highlighted by our study, in the social sectors cited in reports on HIV/AIDS is that unlike the past, social movements currently have very little presence in the media. Notably, support and prevention groups, among other organizations were crucial in confronting AIDS, contributing to the Brazilian state’s assuming responsibility for treatment and prevention (Parker 1994; Mann et al. 1993). They were also decisive in framing the problem of prejudices and contributed decisively to the reduction of prejudice against LGBT populations and people living with HIV.

The underlying reasons for this change, which marks a contrast with the greater number of agents involved in HIV/AIDS activism in Brazil and the world compared to the 1980s, are beyond the scope of our research, which did not examine these actors’ work in disseminating

Table 2 . Account of social actors mentioned as protagonists by the media

HIV/AIDS X NEWS SOURCES	VEJA	JN	MGTV	FOLHA DE S. PAULO	O GLOBO	O TEMPO	TOTAL
HIV/AIDS X EXECUTIVE	2	0	0	21	13	14	50
HIV/AIDS X JUDICIARY	0	0	0	2	0	3	5
HIV/AIDS X LEGISLATURE	0	0	0	0	1	2	3
HIV/AIDS X SOCIAL MOVEMENTS	0	0	0	2	5	4	11
HIV/AIDS X CULTURAL AGENTS	0	0	0	7	3	2	12
HIV/AIDS X MEDIA	0	1	0	4	4	1	10
HIV/AIDS X POLICE	0	0	0	2	0	1	3
HIV/AIDS X ANONYMOUS SOURCES	6	0	0	32	16	5	59
HIV/AIDS X CHURCH	0	0	0	8	3	0	11
HIV/AIDS X PERSONALITIES	3	0	0	10	13	8	34
HIV/AIDS X UNIVERSITIES/ RESEARCH CENTERS	4	0	0	14	13	20	51

information on the illness to the media and the public. One hypothesis is that the “institutionalization” of the fight against the syndrome not just by governmental bodies but by international agencies (those linked to the United Nations, for example) may have prompted the media to deemphasize the work of activists outside the government. Institutional actors may appear more “trustworthy,” armed as they are with statistical data, action plans, and other strategies that the media may read as more qualified than demands not accompanied by similar charts, graphs, and indicators, despite the fact that the latter are no less relevant to the problems associated with the illness, particularly in depicting everyday dilemmas ultimately obscured by managerial rationalities.

As indicated in Table 2, the executive, legislative, and judicial branches are the actors most cited in coverage of the political and institutional dimensions of HIV/AIDS, surpassed only by anonymous sources and/or

personalities. The reports citing the executive discussed specific prevention and control measures, in part related to the Ministry of Health’s campaigns to confront STD/AIDS. The anonymous sources do not reflect the salience of people living with HIV, as one might assume from a purely quantitative reading; rather, the reports merely refer to people who play a role in the narratives, in line with the strategy of singularization mentioned above. Notably, these people are not given any individuality, so much so that their sexual orientation or sexual practices are not mentioned.

Research centers and universities, also commonly cited as sources, are presented in reports emphasizing their efforts, failures, and victories in developing new drugs or a pathway to a cure. These institutions are presented as the protagonists and heroes of a daily “war” against the syndrome, recounting moments of hope, celebration, and disappointment. When personalities – well-known

individuals, particularly artists -- are mentioned, it is not necessarily for their involvement in information campaigns but often to promote cultural products that include HIV/AIDS as a theme (films, books, plays, etc.), not unlike other cultural agents or the media itself, as promoters of events related to the syndrome. In these cases, HIV/AIDS may appear as a primary or secondary theme.

3. Identitarian Traces

In the few reports that mention identities or sexual practices, we identified traces of the early notion of high-risk groups, limiting accounts of exposure to HIV almost entirely to sexual contact. Moreover, we also noted the predominance of the association HIV/gay, using the term “gay” to refer generically to all LGBT populations. Given the term’s weight in the social imaginary to refer indistinguishably to any sexual or affective ties with someone of the

Table 3. The Association of AIDS and LGBT Identities, when cited

HIV/AIDS X LGBT IDENTITIES	VEJA	JN	MGTV	FOLHA DE S. PAULO	O GLOBO	O TEMPO	TOTAL
HIV/AIDS X GAY/MSM	1	0	0	18	16	10	45
HIV/AIDS X TRAVESTIS	0	0	0	3	6	5	14
HIV/AIDS X LESBIANS/WSW	0	0	0	4	3	2	9
HIV/AIDS X TRANSGENDER	0	0	0	3	3	3	9
HIV/AIDS X BISEXUAL	0	0	0	3	5	2	10
HIV/AIDS X LGBT/GLS*	0	0	0	1	2	3	6
HIV/AIDS X CROSS-DRESSERS	0	0	0	0	0	1	1

* GLS refers to “gays, lesbians, and sympathizers” a common construction in Brazil, developed in marketing targeting the gay and lesbian community.

same sex, it is worth recalling the numerous studies on sexuality, particularly on homosexualities, that have highlighted the concept’s reliance on the essentialization and naturalization of sex based solely on a biological matrix (Butler 2007, 2008; Louro 2007). In this respect, the news reports analyzed in our study are unable to go beyond reaffirming common-sense notions of LGBT identities. They use these as data unrelated, for instance, to the complex notions of gender guiding contemporary research on sexualities, including efforts to understand how homophobia increases vulnerability to HIV (Pérez 2005) or to consider the specificity of transgender people.

The ways that LGBT identities appear in our corpus, whatever the conceptual difficulties discussed above, are in part a result of the prevention campaign aimed at homosexuals and other men who have sex with men adopted by the Ministry of Health in 2008. Without the campaign, the number of reports linking AIDS and LGBT

identities would certainly have been lower, reinforcing the image of a disembodied syndrome. With regard to the other members of the LGBT universe, while there was little mention of lesbians and transsexuals, the association of HIV and *travestis* was the second most frequent, suggesting a naturalization of this relation. The news reports analyzed still noted a “preferential incidence” of the illness among *travestis*, probably reflecting the various stereotypes associated with the population (Kullick 2008; Silva 2007; Benedetti 2005). The media sources analyzed made no effort to question the historic roots of this limited and often caricatured treatment of *travestis* in ways that might produce new understandings of the group. *Travestis* are commonly seen through the prism of prostitution and violence, as members of a cultural underworld where little humanity remains. Studies like those by Benedetti (2005) and Silva (2007) portray *travestis* as a group that, beyond and despite these limited caricatures,

has developed ways of negotiating sexual and affective relations that entail more slippage and change. In this regard, the distinction between *travestis* and transgender people sought to grasp how the news channels analyzed dealt with these identities, that is to say, acritically distinguishing them. We had already noted this distinction in pilot studies conducted in late 2007, prior to the period covered by our research.

In general, we identified a numerically more significant association of identities with HIV/AIDS in the newspapers *O Globo* and *Folha de São Paulo* and the absence of any references to identities in the magazine *Veja* and the news show *Jornal Nacional*. In the latter case, it was impossible to determine whether this absence reflected an advance in understandings of HIV/AIDS as a phenomenon that affects all human beings and should therefore be delinked from the old notion of “high-risk groups” or a silencing that may reflect difficulty in addressing these

populations in news coverage. In the newspaper *O Tempo*, the association HIV/AIDS/sexual identities was inexpressive throughout the period researched. This veritable absence of sexual identities in a newspaper that includes a weekly column dedicated to LGBT political and cultural realities suggests that the issue is no longer addressed through the prism of “high-risk groups,” including homosexuals, which long characterized journalistic coverage. The news program *MGTV – 2nd Edition* was virtually silent on issues related to HIV/AIDS, presumably because it is broadcast in the early evening, when the audience is coming home with little desire to confront complex issues.

Taking another category of analysis, assessing the relation between “favorable approach to control/prevention of HIV/AIDS” and “journalistic genre,” we note that the issue was present in all the print media. In this regard, we can highlight its presence in “articles” in *Folha de São Paulo* as well as in “letters from readers” in this newspaper as well as *Veja*. We should also note the significant number of “items/news/reports” in all three newspapers, suggesting they still regard HIV/AIDS as highly newsworthy. Contrary to this understanding, however, we also observed that AIDS was most commonly narrated through “items,” referring to short, quick texts, generally based on press releases or reports from wire services.

As we see, while it is possible to observe a number of recurring themes comprising the general coverage of AIDS in the Brazilian media, it is also important to consider the specific way each news channel addresses the issue. Each channel has its own identity (Leal 2009; Mouillaud 1997), reflecting production routines (Wolf 1994) and specific relations with issues, social actors, and sources

(Charadeau 2006; Cornu 1994). In the Brazilian case, we must consider, on the one hand, the regional location of these channels, even those purporting to be national, as well as the competition among them, and on the other, the challenges that issues related to sexuality pose for journalistic coverage (Leal and Carvalho 2009).

The importance given to scientific matters in coverage of HIV/AIDS seems related to its treatment as a routine. All the channels considered in the sample, when they did not silence HIV/AIDS, reflected this tendency. In the *Folha de São Paulo*, reports almost always addressed the illness through a scientific lens, emphasizing its links to universities and research centers throughout the period analyzed. *O Globo* similarly emphasized reports on new medicines or on research to develop a vaccine.

In the newspaper *O Tempo*, from Minas Gerais, reports on HIV/AIDS were generally published in the section *Interessa* [“Of Interest”], which deals with issues related to science, medicine, and biology. The reports collected dealt with medical research and drugs to control the virus. This tendency toward a scientific treatment of the syndrome, also evident in the other news sources analyzed, reveals the prevalence of a medico-biological discourse in current journalistic coverage. This can be seen, for instance, in the report titled “North American Scientists Claim to Find the Weakness of the AIDS Virus,” published on July 18 in the *Interessa* section of *O Tempo*, in which doctors and scientists explain the HIV virus in technical terms, using scientific discourse.

Another indication of coverage of HIV/AIDS as routine, as Traquina observed, is the limited impact of events designed to maintain the topic on the media’s radar. While

generating news, these events had little repercussion beyond the fact that they were held. In this respect, the position of *Jornal Nacional* with respect to two such events is telling. On World AIDS Day in December 2007 (analyzed as part of the pilot study in developing this project), the news program with the greatest audience in Brazil included two stories on the topic, one on rallies around the world, the other on scientific advances. The one focusing on a series of actions around the world included some that were more institutional, such as presidential speeches, and others that were more contestatory. In little over a minute, the program articulated images and speeches from various places and contexts. In this mix, one can discern various ways of relating to HIV infection, such as support for victims, demands for more effective state action, and the search for a cure or more effective medicines. All these strategies are in turn organized and deployed by *Jornal Nacional* in a way that gives them coherence and ultimately affirms the story: “different cultures and religions unite to combat a common enemy” (Leal 2008).

In other words, the reports provided little information on AIDS, merely registering various actions and recent discoveries. Later, in February 2008, when the Ministry of Health launched its national AIDS prevention campaign, focusing that year on homosexual men and other men who have sex with men, the *Jornal Nacional* gave absolutely no attention to the event: nothing appeared in the news, as if nothing had happened.

4. Some final considerations

If, on the one hand, we observe a broad consensus behind combating HIV/AIDS, recognizing the serious problems associated with the

syndrome, it is noteworthy, on the other hand, that its routinization in journalistic coverage has led to an emptying out of the social, political, and moral dimensions of this complex issue. As a result, there are fewer reports on behavioral questions, which might be read positively, as the absence of homophobic, sexist, and racist stigmatization so present in the early days of AIDS (Borillo 2001; Smigay 2002). At the same time, it also reflects a certain disregard of the need not to reduce the topic through a narrowly scientific lens to accounts focusing on discoveries about the virus or new medications: a framing that now dominates the news, often in reports that are much more about speculation than actual discoveries.

One consequence of this approach is that the reports analyzed failed to draw any relationship between homophobic and/or sexist practices and greater vulnerability to infection. One possible explanation for this, beyond a difficulty in dealing with diversity and questions of gender, lies in the lack of understanding of various expressions of homophobia, which various studies cite as important in strategies of HIV/AIDS prevention.

As we see in our study, treatment of any issue as a routine implies certain ambiguities. If on the one hand, early misunderstandings have been overcome and we no longer found sensationalistic coverage, on the other, there is a clear tendency toward more limited investment in the topic, which has

come to rely on press releases by research institutions or the state or on wire services. At the same time, the “scientific” approach to the topic, again, reflects an effort to avoid the more delicate and complicated aspects of AIDS. This was clearly reflected in the coverage on *MGTV-2nd Edition*, which simply ignored the topic throughout the period analyzed in the study. Beyond any explanation that may cite, for example, programming strategies associated with its broadcast time (approximately 19:00), implying decisions to avoid exposing the public to such complex issues, one must also consider the possibility that this silencing might reflect a new form of stigmatization. Because it is a local news broadcast, this channel could ultimately cover important issues related to the everyday experience of AIDS, such as situations in clinics distributing medicines, everyday acts of discrimination, or specific actions by various agents associated with the syndrome, such as doctors, municipal governments, NGOs, etc.

Such silences do not just affect people directly experiencing the consequences of HIV/AIDS. Beyond the necessary narrowing of the multiplicity of voices ultimately heard in journalistic narratives, they also reflect the limited importance given to the ways the virus is spread in Brazil and the world. Even the coverage of medical research privileged in the news reports we analyzed does not reflect its full diversity, a point that takes us back to the question raised earlier about the disregard of social

problems most directly implicated in the contemporary dissemination of HIV/AIDS. Ultimately, the social issues associated with AIDS remain a target for the scientific community and for research conducted in Brazil and throughout the world, which have identified the differential distribution of the syndrome based on variables like economic conditions, gender, and cultural practices.

In other words, the data suggests that while the identitarian stain may be gone, AIDS remains a stigmatized disease whose coverage requires caution. But extreme caution transforms the syndrome into the target of a war occurring in a world distant from everyday life, that of science and scientists. There is, then, a curious contradiction: becoming routine, the news channels presented AIDS as something occurring in another universe: that of numbers and test tubes. It is as though, over the course of years, as the HIV virus has stopped being strongly and dramatically associated with death, it has also stopped being part of life, particularly the everyday life of any actual person. ■

¹ Unpublished article, based on the conclusions of the research project “Media and Homophobia,” conducted between 2007 and 2008, with financing from the Ministry of Health and from the Research Support Foundation of the State of Minas Gerais (FAPEMIG)

² Here we are referring to the news channels’ capacity to give an adequate account of the diversity of sexual and affective practices associated with the LGBT universe. In the more detailed analysis below on the relations between HIV/AIDS and sexuality, the kinds of associations included in the reports will be explained more fully.

Bibliography

- Alsina, Miguel Rodrigo. 1989. *La construcción de la noticia*. Barcelona: Paidós Comunicación.
- Bastos, Cristiana, Jane Galvão and Richard Parker, orgs. 1984. *A Aids no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ABIA/IMS-UERJ.
- Bauer, Martin W and George Gaskell. 2004. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático*, 3a ed. Petrópolis: Vozes.
- Benedetti, Marcos Renato. 2005. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Blouin, Claude, Eric Chimot, and Jacques Launere. 1987. *Aids, informação e prevenção: imprensa e medicina em busca de respostas*. São Paulo: Summus Editorial.
- Borillo, Daniel. 2001. *Homofobia*. Barcelona: Belaterra.
- Butler, Judith. 2007. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*, ed. Guacira Lopes Louro, 151-172. Belo Horizonte: Autêntica.
- _____. 2008. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Camargo Jr., Kenneth Rochel de. 1994. *As ciências da Aids e a Aids das ciências: o discurso médico e a construção da Aids*. Rio de Janeiro: Abia/IMS-UERJ/Relume-Dumará.
- Carvalho, Carlos Alberto de. 2009. *Visibilidades mediadas nas narrativas jornalísticas: a cobertura da Aids pela Folha de São Paulo de 1983 a 1987*. São Paulo: Editora Annablume.
- Casetti, Francesco and Federico di Chio. 1999. *Análisis de la televisión*. Buenos Aires: Paidós.
- Charaudeau, Patrick. 2006. *O discurso das mídias*. São Paulo: Editora Contexto.
- Cornu, Daniel. 1994. *Jornalismo e verdade – para uma ética da informação*. Lisbon: Instituto Piaget.
- Fausto Neto, Antônio. 1999. *Comunicação e mídia impressa: Estudos sobre a Aids*. São Paulo: Hacker Editores.
- Fondcubierta, Mar and Hector Borrat. 2006. *Periódicos: sistemas complexos*. Buenos Aires: La Crujia.
- Gomis, Lorenzo. 1992. *Teoría del periodismo – cómo se forma el presente*. Barcelona: Ediciones Paidós.
- Kulick, Don. 2008. *Travesti*. Rio de Janeiro: Fundação Fiocruz.
- Leal, Bruno. 2008. Telejornalismo e autenticação do real. *E-compós*. 11(2): 1-13.
- _____. 2009. Para além da notícia: o jornal, sua identidade, sua voz. *Revista Fronteiras*. 11: 113-123.
- Leal, Bruno and Carlos Carvalho. 2009. Jornalismo e homofobia: ou pensa que falar é fácil? *E-compós* 12(2): 1-16.
- Leal, Bruno Souza, Carlos Alberto de Carvalho, Lucas Gomes, Phellipy Jacome, Ana Dourado, and Michélie Torres. 2007. *Mídia e homofobia*. Research report. Belo Horizonte/Brasília: Universidade Federal de Minas Gerais/Ministério da Saúde/Escritório das Nações Unidas contra Drogas e Crime.
- Louro, Guacira Lopes, org. 2007. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Loyola, Maria Andréa, org. 1994. *Aids e sexualidade – o ponto de vista das ciências humanas*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/UERJ.
- Mann, Jonathan, Thomas Neter, and Daniel Tarantela, orgs. 1993. *A Aids no mundo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ABIA/IMS-UERJ.
- Mouillaud, Maurice and Sérgio Dayrell Porto, orgs. 1997. *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15.
- Parker, Richard. 1994. *A construção da solidariedade – Aids, sexualidade e política no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ABIA/IMS-UERJ.
- Pérez, Fernando Villaamil. 2005. *Homofobia/heteronormatividade e inequidade social como factores estructurales de riesgo. Violencias y prácticas de riesgo frente al VIH entre homosexuales*. <http://www.creacionpositiva.net/pdfs/PonenciaFernandoVillaamil.pdf>.

Pollak, Michael. 1990. *Os homossexuais e a Aids – sociologia de uma epidemia*. São Paulo: Estação Liberdade.

Ponte, Cristina. 2005. *Para entender as notícias – linhas de análise do discurso*. Florianópolis: Insular.

Silva, Helio R. S. 2007. *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco.

Smigay, Karin Ellen von. 2002. Sexismo, homofobia e outras expressões correlatas de violência: desafios para a psicologia política. *Psicologia em Revista*. 8(11): 32-46.

Sontag, Susan. 1989. *Aids e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras.

Traquina, Nelson. 2001. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Editora da Unisinos.

_____. 2005. *Teorias do jornalismo, vol. II: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa internacional*. Florianópolis: Editora Insular.

Tuchman, Gaye. 1978. *Making news: A study in the construction of reality*. New York: Free Press.

Wolf, Mauro. 1994. *Teorias da comunicação*. Lisbon: Editorial Presença.



Personas LGBT y SIDA en la rutina periodística: cobertura en medios impresos y electrónicos brasileños en el año 2008

Bruno Souza Leal
Carlos Alberto de Carvalho

Resumen

Este artículo busca comprender, a partir del análisis combinado de contenido y narrativa, la cobertura noticiosa sobre el VIH/Sida realizada por medios impresos y electrónicos brasileños, como referentes (*Folha de S. Paulo*, *O Globo*, *Veja* y *Jornal Nacional*) y regionales (*O Tempo* y *MGTV 2ª Edición*), el año 2008. Indaga sobre como se aborda el tratamiento contemporáneo al VIH y su asociación a las identidades LGBT, procurando entender las visibilidades y eventuales silenciamientos, tratando el tema global y parcialmente en algún aspecto implicado.

Palabras clave

Periodismo, Sida, Brasil

Sobre los autores

Bruno Souza Leal, doctor en Estudios Literarios, es profesor del Programa de Pos-Graduación en Comunicación de la Universidad Federal de Minas Gerais (UFMG). Investigador del Consejo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico. Integra el Núcleo de Derechos Humanos y Ciudadanía LGBT de la UFMG y el Grupo de Investigación “Poéticas de la Experiencia”.

Carlos Alberto Carvalho, doctor en Comunicación, es profesor del Programa de Pos-Graduación en Comunicación da UFMG. Integra el Núcleo de Derechos Humanos y Ciudadanía LGBT de la UFMG y el Grupo de Investigación “Poéticas de la Experiencia”

1. La naturaleza periodística del problema

A casi tres décadas, desde el inicio de su divulgación en medios de prensa dirigidos a públicos no especializados, el Sida continua siendo un desafío para comunicadores, médicos, activistas sociales y gubernamentales, además de investigadores en diversas áreas². Los desafíos no se limitan a los descubrimientos que conducen a medicamentos más fuertes para detener los efectos del virus VIH sobre el organismo humano; mientras que los proyectos de encontrar una vacuna se tropiezan con una serie de limitaciones que les impiden concretizarse. Estos desafíos involucran dos frentes amplios de batalla que incluyen directamente la acción de los medios de comunicación: las campañas de prevención y otras formas de combate a la propagación del VIH, y la superación de los prejuicios que aún quedan de la época en que se creía que la incidencia del Sida era “exclusiva” de homosexuales masculinos, prostitutas, usuarios de drogas y hemofílicos. Las coberturas noticiosas sobre VIH/Sida necesitan en consecuencia, lidiar con la complejidad de cuestiones ligadas al síndrome, como las mencionadas anteriormente, y otras, por ejemplo: los roles, conflictos e intereses de las diferentes fuentes de información, ya sean de origen estatal, de los movimientos sociales, de la comunidad médica, de grandes corporaciones, etc.

De la misma manera como movió amplios sectores de las áreas médico-científicas y sociales (Camargo Jr. 1994; Loyola 1994; Pollak 1990; Sontag 1989), el Sida también puso en el campo a investigadores que buscaban entender los modos como los medios de comunicación, especialmente los

noticiosos, trataron el surgimiento y evolución del síndrome (Carvalho 2009; Traquina 2005; Fausto Neto 1999). Aunque varían en cuanto a los aspectos teóricos y metodológicos, lo cual dificulta llegar a conclusiones indicadoras de una tendencia general o histórica en cobertura mediática del VIH/Sida, esas investigaciones permiten identificar algunos puntos en común, entre otros, las fuentes más atendidas y el controvertido tema de los prejuicios. Como temática, el Sida surge, en ese sentido, desafiando los procedimientos periodísticos típicos de construcción de las noticias (Ponte 2005; Alsina 1989; Tuchman 1979). Como afirma Fausto Neto (1999: 15):

Desde el punto de vista político, el Sida se caracteriza como una cuestión ético-moral-tecnológica y cultural estructurada por diferentes prácticas de los campos socio-institucionales. Desde el punto de vista simbólico, el Sida es un significante con varias dimensiones, resultado de las diferentes construcciones de sentido realizadas por las estrategias de varias instituciones (médica, política, religiosa, administrativa, etc.). A través de esta doble articulación (macro-política y micro-discursiva), se generan los poderes con que las instituciones semantizan la noción de SIDA y, como consecuencia, se establecen, en los límites de sus propias fronteras, los significados atribuidos al SIDA.

A diferencia de los años iniciales de la divulgación masiva del Sida, cuando éste era una novedad, hoy tenemos que mirar la forma en que los medios noticiosos tratan esta temática en su trabajo cotidiano. El Sida dejó de generar alboroto, ya sea por la minimización de su impacto

inicial – desde la perspectiva de los prejuicios sociales de diverso orden, particularmente aquellos dirigidos a los homosexuales masculinos –, ya por el mejoramiento de las expectativas de vida de las personas seropositivas, o simplemente por el pasar de los años, entre otras posibles razones. Así, el asunto se integró a la rutina de los noticieros al ritmo de la investigación científica, de las acciones de los agentes de salud y de los organismos estatales y otros de diversa naturaleza. Según Traquina (2005: 130), al referirse al síndrome y al tratamiento dado a éste por los periodistas, tenemos en la actualidad “un tema que podría muy bien ser descrito como una ‘historia’ continua”, cuyos capítulos o episodios van surgiendo de manera regular a lo largo de las ediciones de los medios periodísticos. Por esta razón, partimos aquí del supuesto de que el síndrome ahora recibe el tratamiento típico dado por los medios de comunicación a los acontecimientos cotidianos, a la manera de accidentes de tránsito que siempre se repiten, de los permanentes escándalos políticos o de las eternas variaciones del mundo económico. Repetibles como fenómenos, pero aún específicos en sus singularidades, los acontecimientos rutinarios no pierden su atractivo noticioso puesto que están dotados del potencial de explicar muchas realidades sociales que los atraviesan y que, en cierta medida, contribuyen a conformar.

En un esfuerzo por comprender las razones por las que el Sida continúa siendo un tema recurrente en los noticieros, afirma Traquina (2001: 142):

Entre la multiplicidad de sucesos, el peso de los acontecimientos noticiosos en desarrollo, principalmente los asociados a

las actividades biomédicas, y los acontecimientos noticiosos de continuidad han tornado rutinaria la cobertura periodística del Sida, con más fuerza que otros eventos programados – como convenciones internacionales, publicación de revistas médicas o el día mundial de combate al Sida.

La capacidad del Sida para ser noticia, sugiere Traquina, se vincula al carácter inconcluso de su historia, dado que el síndrome aún no tiene cura y que el virus VIH desafía conocimientos científicos y técnicas médicas. En otras palabras, dado que la historia del Sida está en proceso, aunque en un tenor menos dramático; moviliza todavía un conjunto de actores sociales y se mantiene viva como noticia, aunque hecha rutina cotidiana. En ese sentido, llama la atención la perspectiva de Traquina para sustentar la capacidad de ser noticia del Sida, pues, quita peso a la agenda de movilización social y lo pone en su condición de batalla diaria en el campo científico.

Este artículo reflexiona sobre las consideraciones de Traquina con los datos obtenidos en la investigación realizada a partir del anuncio del Ministerio de Salud, hecha mediante el Programa Nacional de ETS/SIDA, con apoyo de la Secretaría de las Naciones Unidas para las Drogas y Crimen, y conducida por el Núcleo de Derechos Humanos y Ciudadanía LGBT (NUH) de la Universidad Federal de Minas Gerais (Leal, Carvalho et al. 2007). Se busca, a partir de esos datos, configurar el modo como el Sida se presenta como noticia cotidiana, verificando algunos elementos y aspectos que componen esa historia en desarrollo.

La mencionada investigación tuvo como objetivo estudiar la

complejidad de las relaciones entre medios de comunicación/homofobia y realizó el acompañamiento, en el período comprendido entre el 18 de febrero y el 17 de agosto de 2008, de cada una de las ediciones de los cuatro principales medios periodísticos de Brasil: los diarios impresos *Folha de S. Paulo* (de circulación nacional), *O Globo* (de circulación nacional), la revista semanal *Veja* (de circulación nacional) y el *Noticiero Nacional* de TV Globo. Además de éstos, la investigación consideró dos medios regionales de Belo Horizonte, Minas Gerais: el periódico impreso *O Tempo*, y el noticiero *MGTV 2ª edición*, de la Red Globo Minas.

La elección de los medios obedeció a un criterio de doble relevancia: a) periódicos y revista de circulación nacional, que con frecuencia guían las pautas de otros medios noticiosos, y el noticiero televisivo de mayor audiencia y repercusión en Brasil; b) el periódico de Minas Gerais que produce una columna semanal enfocada en las temáticas de la diversidad sexual, tema dilecto para la investigación, y el noticiero televisivo nocturno de mayor audiencia en Belo Horizonte y ciudades circundantes. Como orientación metodológica general se adoptó la combinación de un instrumento cuantitativo, volcado hacia la producción de datos susceptibles de tratamiento estadístico, con instrumentos basados en la identificación del juego lingüístico y narrativo emprendido en las noticias y por los medios seleccionados. Además, como parte de la metodología, fueron construidas categorías de análisis de contenido (Bauer 2004; Casetti e Chio 1999), englobando especificidades y características comunes de los diferentes textos

impresos y electrónicos, siempre en la perspectiva de identificar las formas más evidentes de tratamiento dado por los medios de comunicación a la problemática del VIH/Sida, así como las temáticas referentes a la homofobia, conceptualizada por Daniel Borillo (2001: 36):

La homofobia puede ser definida como la hostilidad general, psicológica y social, sobre aquellos o aquellas de quien se supone que desean a individuos de su propio sexo o tienen prácticas sexuales con ellos. Forma específica de sexismo, la homofobia rechaza también a todos los que no se conforman con el papel predeterminado por su sexo biológico. Construcción ideológica consistente en la promoción de una forma de sexualidad (hetero) en detrimento de la otra (homo), la homofobia organiza una jerarquización de las sexualidades y extrae de ella consecuencias políticas.

Como estrategia específica de presentación de los resultados para las finalidades que nos propusimos en este artículo, la homofobia solamente será considerada cuando aparezca como manifestación directa de los prejuicios contra portadores de VIH o cuando involucre silenciamientos o invisibilidades por los medios noticiosos analizados. Si en los años iniciales de la década de 1980 el Sida contribuyó fuertemente en el recrudescimiento de la homofobia, en la actualidad no está necesariamente asociado – especialmente en la muestra contemplada por la investigación en los medios antes mencionados – con formas de rechazo a las homosexualidades. De este modo, es posible notar que la cobertura del VIH/Sida adquiere otros

límites, conforme aparece en las consideraciones siguientes.

Por un esfuerzo de síntesis que orienta las reflexiones contenidas en este texto, no nos detendremos en una explicación previa de cada categoría de análisis. Éstas serán delineadas en las descripciones de los resultados, que se presentan a continuación bajo la forma de consideraciones acerca del conjunto de los temas periodísticos. Nos detendremos en algunas particularidades de los medios solamente cuando sea necesario realzar comportamientos significativos. En relación con las narrativas analizadas, estas fueron verificadas en todas las editoriales de los medios de comunicación investigados, dado que el objetivo fue graficar la cobertura sobre los temas que componen el corpus bajo escrutinio, buscando todas las variaciones posibles.

2. El Sida incorpóreo

El Cuadro 1 indica la cantidad de artículos periodísticos que se referían al VIH/Sida, recolectados en los seis meses en que se hizo el seguimiento de los medios periodísticos que compusieron el *corpus* de la investigación. Es significativo observar que, de casi 1500 temas recolectados en la investigación, menos de una sexta parte hicieron referencia al Sida. Cuando la recolección se basó

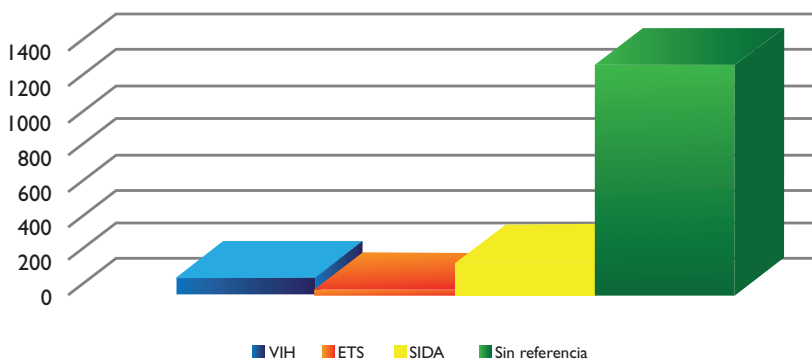
en la verificación de los términos lingüísticos utilizados (“VIH”, “Sida” y “ETS”), se observó que las expresiones se presentaban siempre juntas, ya sea en par (básicamente VIH/Sida), o en composición triple (VIH/Sida/ETS). El cuadro nos permite ver que el término “Sida” fue el más frecuente y en el total de artículos en que apareció engloba a las otras expresiones.

A principios de los años ochenta, las primeras noticias sobre el Sida publicadas por medios de comunicación no especializados estuvieron determinadas, de forma significativa, por la asociación del síndrome con los homosexuales masculinos. A partir de tal asociación se estructuró el concepto de “grupo de riesgo”, según el cual el virus alcanzaría apenas a determinados grupos de individuos. Por esto, en la época de cobertura de rutina una de las preocupaciones fue verificar qué relaciones fueron establecidas con las poblaciones LGBT – Lésbicas, Gays, Bisexuales, Transexuales y Travestis (Bastos et al. 2004; Blouin et al. 1987). En este sentido, se observa que el Sida hoy, en la mayor parte de la cobertura periodística, no surgió asociado a una identidad o a un comportamiento sexual específico³. En otras palabras, la mayor parte de las noticias recolectadas remitía a descubrimientos científicos o trataba de la prevención del VIH de modo genérico, enfatizando con frecuencia

el rol del uso del condón, pero sin ninguna referencia a la identidad, ya sea LGBT, o heterosexual, o incluso a alguna práctica sexual particular.

Si una primera mirada sobre las especificidades de la cobertura periodística en la década de los ochenta podría sugerir aproximaciones que relacionaron el síndrome con los homosexuales masculinos, como consecuencia del concepto entonces en boga de “grupos de riesgo”, una mirada más atenta apunta a una cuestión central. En aquel momento, la aparición del síndrome fue tratada como el resultado del comportamiento típico de ciertas identidades. Este trato fue evidente en los discursos que venían de diversas instancias de la vida social, los cuales aprovecharon la supuesta incidencia específica del VIH para dar “explicaciones” prejuiciadas y marcadas por estereotipos de lo que sería un “estilo homosexual” de vida. Ejemplos de esto son los discursos religiosos que atribuyeron el surgimiento del síndrome a castigos divinos contra practicantes de sexo antinatural, las explicaciones sin fundamento científico de que los homosexuales masculinos estarían más propensos al síndrome por el uso de productos ligados al modelaje corporal, la “denuncia” de que el síndrome sería el resultado de sexo promiscuo, entre otras formas de “explicar” el Sida y sus consecuencias. En esos mismos autores es posible percibir que, si los demás “grupos de riesgo” (usuarios de drogas inyectables, prostitutas, haitianos y hemofílicos) dejaron rápidamente de aparecer asociados al síndrome, la conexión de la enfermedad con los homosexuales hizo mella, no del todo borrada aún hoy. Pero es en las primeras coberturas que se evidenció la fuerte naturaleza de la asociación VIH/Sida y homofobia, especialmente en titulares de periódicos circulando por el mundo con referencias al síndrome como

Cuadro 1 – Número de artículos sobre VIH/Sida



“peste gay”, “cáncer gay”, “peste rosa” y similares.

El cambio que se percibe ahora, de poca asociación entre VIH/Sida y las homosexualidades, puede ser considerado como algo positivo, pues no circunscribe la infección a un grupo en particular; sin embargo, genera la pregunta sobre las implicaciones de la disociación del síndrome en comportamientos que pueden involucrar riesgos de transmisión. Esos riesgos, es importante recordar, no se limitan a las prácticas sexuales desprotegidas, independiente de las parejas, o al compartir jeringas, sino implican también la necesidad de control en las transfusiones de sangre y hemoderivados, además de los cuidados específicos por parte de diversos profesionales de la salud. El Sida “desencarnado” de cuerpos y prácticas puede contribuir tanto a una eliminación gradual y/o minimización de los prejuicios que asocian el VIH/Sida a las poblaciones LGBT, por ejemplo, como también puede facilitar la construcción de un sentimiento generalizado de que el síndrome se encuentra ahora limitado, en su problemática más general, al campo médico-científico. En caso de que prevalezca el último punto de vista, se corre el riesgo de dejar de considerar al VIH/Sida como un problema de salud pública, circunscribiéndolo al fuero individual – en términos de hábitos y prácticas de prevención – o de estricto interés científico. Si el abandono de tonos más alarmistas y frecuentemente discriminatorios surge como conquista y tal vez como signo de madurez de los estudios sobre Sida, tomar distancia del síndrome y sus formas de diseminación en la vida cotidiana de las personas plantea la pregunta sobre si la información producida

podría alterar de hecho patrones de comportamiento y modos de actuar de los ciudadanos.

Esta duda se acentúa cuando se piensa en qué medida el sistema mediático es dependiente de las relaciones de identificación y proximidad que establece con sus lectores oyentes/telespectadores (Fontcubierta y Borrat 2006; Mouillaud y Porto 1997). De esta manera, es estrategia recurrente en las noticias la singularización de los temas y acontecimientos a través del uso de casos ejemplares o incluso la materialización de grandes cuestiones en la cotidianidad de los individuos (Gomis 1992). Al hablar de las expectativas, al referirse a un gran juego de fútbol, sobre la búsqueda de empleo o sobre el comercio en el Día del Padre, por ejemplo, las noticias – en la mayoría de los medios de comunicación – traen, en medio de datos generales, situaciones particulares de uno u otro individuo con la camisa de su equipo, que está en la fila de una agencia de empleos o en la búsqueda de un regalo de última hora en un centro comercial (Leal 2008). La proximidad, entendida en sus dimensiones geográfica, identitaria y psicológica, es fundamental para el vínculo entre medios de comunicación y consumidores y para la eficacia comunicacional de las noticias.

En la medida en que el Sida surge “desencarnado” de la vida de las personas, ya sea por una aproximación demasiado general o por estar centrado en la investigación científica, se puede cuestionar si es que la preocupación en preservar grupos sociales y evitar alarmismos no generó el resultado opuesto, excesivamente tímido, de atención a las problemáticas sociales de la propagación. La recurrencia de temas que asocian el VIH/Sida a

centros de investigación indica una forma de tratamiento “cientificista”, volcado hacia los descubrimientos de tratamientos y avances en las investigaciones. En ese mismo sentido, la poca asociación del tema con otros agentes sociales indica su circunscripción a un terreno estrecho, ya sea del Estado o de la ciencia, es decir, sugiere un modo específico de visibilidad del Sida hoy. Existe así, un contraste relevante con lo que indican las investigaciones sobre la cobertura inicial del VIH/Sida anteriormente referidas, pues, en ese momento el Estado y la ciencia ocuparon un papel destacado, pero sin la hegemonía que es evidente ahora.

Al parecer, pasado el momento de lucha para construir el síndrome como “enfermedad social”, lo que implicó al mismo tiempo evitar su medicalización extrema, estaríamos observando un cierto retroceso. La circunscripción del síndrome a su aspecto científico trae como riesgos, su alejamiento de la vida cotidiana y, más aún, el silenciamiento de voces que claman por la universalización del acceso a medicamentos y por la necesidad de evitar que las formas de tratamiento dependan del interés mayoritario de la industria farmacéutica. La sustitución, en la mayoría de los textos, de las identidades LGBT por los actores antes descritos, claramente es indicadora y problematiza un nuevo comportamiento de los medios noticiosos en el tratamiento del VIH/Sida.

Cuando nos referimos a una mayor perspectiva científica en la cobertura actual sobre Sida en comparación con la hecha en la década de los ochenta, más allá de la ausencia de las diversas instancias sociales que buscaron evitar la excesiva medicalización

Cuadro 2. Relación de los agentes sociales indicados como protagonistas en las noticias

VIH/SIDA X AGENTES DE NOTICIAS	VEJA	JN	MGTV	FOLHA DE S. PAULO	O GLOBO	O TEMPO	TOTAL
VIH/SIDA X EJECUTIVO	2	0	0	21	13	14	50
VIH/SIDA X JUDICIÁRIO	0	0	0	2	0	3	5
VIH/SIDA X LEGISLATIVO	0	0	0	0	1	2	3
VIH/SIDA X MOVIMIENTOS SOCIALES	0	0	0	2	5	4	11
VIH/SIDA X AGENTES CULTURALES	0	0	0	7	3	2	12
VIH/SIDA X MEDIOS	0	1	0	4	4	1	10
VIH/SIDA X POLICÍA	0	0	0	2	0	1	3
VIH/SIDA X ANÓNIMOS	6	0	0	32	16	5	59
VIH/SIDA X IGLESIA	0	0	0	8	3	0	11
VIH/SIDA X PERSONALIDADES	3	0	0	10	13	8	34
VIH/SIDA X UNIVERSIDADES/ CENTROS DE INVESTIGACIÓN	4	0	0	14	13	20	51

del síndrome, estamos señalando un cambio perceptible en la presencia de los actores sociales, más oídos en cada momento. Como ejemplo en el caso brasileño, consta que ya en la mitad de los años ochenta fueron creados varios Gapas (grupos de apoyo y de prevención del Sida), considerados en aquella época en un número significativo de textos periodísticos que trataban del síndrome y sus contornos médicos, científicos y sociales (Carvalho 2009). Aunque los Gapas continúan aún en plena actividad, raramente fueron tomados en cuenta como fuentes en los artículos analizados por nosotros. No se trata aquí de destacar que otros actores dominaron la escena, pero sí de reconocer que el privilegio del Estado y la Ciencia son indicadores de la menor relevancia dada a las cuestiones sociales, en favor de coberturas que favorecen avances científicos en la producción de medicamentos y de los obstáculos en las investigaciones sobre una vacuna, entre otras cuestiones ligadas más claramente al campo del

escrutinio típico de los científicos. Como hipótesis, aunque los límites de la investigación no nos permita aseveraciones, es posible señalar que, si en los años ochenta, mucha de la visibilidad dada a las entidades no gubernamentales de combate al Sida se volcaba en especial a la lucha contra los prejuicios hacia los homosexuales, en la medida en que la noción de “grupos de riesgo” perdió su fuerza heurística en relación con las incidencias, encontramos entonces una inflexión que implicó la disminución de búsqueda de actores sociales que, desde entonces, luchan contra todos los prejuicios relacionados al síndrome.

Como mencionamos, esa nueva realidad inevitablemente quita privilegios a una miríada de personas y organizaciones, directa o indirectamente afectadas por el VIH/Sida, como si sus formas de percibir el síndrome fuesen menos claras, por ejemplo, que las de los agentes científicos o gubernamentales. Ese proceso, en consecuencia, lleva al silenciamiento de una gran cantidad de aspectos del síndrome que continúan

sin solución. Para citar unos pocos ejemplos, recuérdese la realización de la promesa de universalizar el acceso a medicamentos y la participación de entidades no gubernamentales en la elaboración de campañas de prevención promovidas por organismos de gobierno a niveles municipal, estatal y federal.

En Brasil, a pesar de que existen prácticas de acceso a medicamentos y tratamientos universalizados que datan de los años ochenta y dan cuenta de políticas de un éxito y alcance razonables, subsisten aún problemas en esas esferas, que son objeto de acciones de diversas entidades, por ejemplo, aquellas volcadas hacia la atención a niños VIH positivos que necesitan de cuidados más allá de la medicación. Cuando tales acciones son pensadas de manera más amplia, junto con las formas de propagación del virus, no es casual que sea un organismo de gobierno, como el Ministerio de Salud, el que acabe asumiendo el protagonismo en las estrategias de visibilidad, no sólo en los datos que son

pertinentes sobre el VIH/Sida (por ejemplo estudios epidemiológicos), sino también en una cierta “militancia” contra la homofobia. Esa militancia, en los ochenta, aparecía en los medios noticiosos identificada mayoritariamente con los actores no gubernamentales.

Sintomático de ese cambio sobre los sectores sociales considerados en los temas sobre VIH/Sida, como nuestras investigaciones destacan, es que estos movimientos sociales tienen ahora poquísima inserción en el sistema mediático, contrario a lo que se observó en el pasado. Grupos de apoyo y prevención, entre otros de lucha por los derechos humanos, y se vale enfatizar, fueron fundamentales en el enfrentamiento del síndrome, contribuyendo en el caso específico de Brasil, a que el Estado asumiera responsabilidades en el tratamiento y prevención (Parker 1994; Mann et al. 1993). Además, estos grupos fueron los que hicieron público el problema de los prejuicios, contribuyendo a generar nociones menos perjudicadas de las poblaciones LGBT y de los portadores del síndrome.

Se sale del alcance de esta investigación establecer las razones más profundas del viraje en cuestión. Si comparamos lo ocurrido en los años ochenta con lo que pasa en la actualidad encontramos una mayor cantidad de agentes involucrados en el activismo en torno al VIH/Sida en Brasil y en el mundo. Pero nuestra investigación no tuvo entre sus objetivos recopilar las acciones de divulgación para los medios de comunicación y el público en general de las actividades que cada uno de esos actores desarrolla. Una hipótesis

es que la “institucionalización” del combate al síndrome, por parte de organismos gubernamentales en cada país, y también de organismos internacionales (ligados a la ONU, por ejemplo), puede haber contribuido para que los medios noticiosos hayan dejado, en segundo plano, a activistas ajenos a las esferas gubernamentales. Los agentes institucionales, en ese sentido, pueden parecer más “confiables”, pues, cuando aparecen en escena están, por lo general, equipados con datos estadísticos, planes de acción y otras estrategias que pueden ser leídas por los medios como información más calificada que las reivindicaciones de otros agentes. Éstas últimas no necesariamente acompañadas de gráficos, tablas estadísticas o indicadores similares, aunque no por eso menos relevantes en cuanto a los problemas que plantean, especialmente porque retratan dilemas cotidianos que son encubiertos por las racionalidades gerenciales.

Como muestra el Cuadro 2, los poderes ejecutivo, legislativo y judicial, especialmente a partir de acciones en las áreas de salud, son los agentes de mayor incidencia en el orden político-institucional frente a las cuestiones referentes al VIH/Sida, sólo superado por los Anónimos como fuentes y/o personajes. Los temas que tienen al Ejecutivo como agente reflejaron o repercutieron en acciones específicas de control y prevención, relacionadas en parte con la campaña contra las ETSs/Sida promovida por el Ministerio de Salud. En cuanto a personajes que no son figuras públicas, identificadas aquí como anónimos, ellos no son reflejo de la importancia dada a las personas

comunes viviendo con VIH, como se podría suponer con base en una lectura meramente cuantitativa, ya que aparecen en los artículos como personajes de las historias narradas, en consonancia con la estrategia de singularización observada antes. En este sentido, es curioso observar que tales personajes no están dotados de individualidad para explicitar su orientación sexual o sus prácticas afectivo-sexuales cotidianas.

Los centros de investigación y las universidades también son mencionados como agentes y aparecen en noticias que se enfocaron en los intentos, fracasos o conquistas en la elaboración de nuevas drogas de control o de procesos para la curación del síndrome. Estas instituciones por lo tanto, se transformaron en protagonistas, en héroes de una “guerra” cotidiana contra el síndrome, y estuvieron acompañados en su momento por la esperanza, el júbilo y la decepción. Cuando personas famosas, especialmente artistas, aparecen en reportajes sobre VIH/SIDA, no es porque necesariamente estén envueltos en campañas informativas, sino muchas veces para promocionar algún producto cultural (películas, libros, piezas de teatro, etc.) relacionado al tema, igual que cuando algún agente cultural o los propios medios aparecen como una fuente promocionando un evento relacionado al síndrome. En esos casos, el VIH/Sida apareció tanto como temática principal y como secundaria.

3. Rastros identitarios

En los pocos artículos en que hubo asociación entre Sida e identidades o prácticas sexuales se encontró el vestigio de la noción

Cuadro 3. Asociación Sida/Identidades LGBT, cuando existen

VIH/SIDA X IDENTIDADES LGBT	VEJA	JN	MGTV	FOLHA DE S. PAULO	O GLOBO	O TEMPO	TOTAL
VIH/SIDA X GAY/HSB	1	0	0	18	16	10	45
VIH/SIDA X TRAVESTIS	0	0	0	3	6	5	14
VIH/Sida X LESBIANAS/MSM	0	0	0	4	3	2	9
VIH/SIDA X TRANSGÉNEROS	0	0	0	3	3	3	9
VIH/SIDA X BISEXUALES	0	0	0	3	5	2	10
VIH/SIDA X LGBT/GLS*	0	0	0	1	2	3	6
VIH/SIDA X TRANSFORMISTAS	0	0	0	0	0	1	1

* GLS se refiere a “gays, lesbianas, y simpatizantes,” una construcción común en Brasil, desarrollada como estrategia de mercado para la comunidad lésbico-gay.

inicial de grupos de riesgo, con la limitación de atribuir la causa de exposición al VIH casi exclusivamente al contacto sexual. Además, se observó el predominio de la asociación VIH/ Gay, siendo el término “gay” usado como designación genérica para toda la población LGBT. Pese al hecho de que el imaginario social muchas veces emplea el término “gay” como categoría que nombra a cualquier persona que tiene lazos afectivos o sexuales con personas del mismo sexo, los estudios sobre sexualidad, especialmente los que abordan de manera más directa las homosexualidades, han llamado la atención sobre cómo esa noción es consecuencia de la esencialización y de la naturalización del sexo a partir de una matriz exclusivamente biológica (Butler 2007, 2008; Louro 2007). De esta manera, los medios noticiosos que componen nuestra investigación no consiguen ir más allá de la reafirmación del sentido común sobre las identidades LGBT, sin tomar en cuenta, por ejemplo, su relación con las complejas nociones de género que actualmente orientan los estudios

sobre sexualidades, incluyendo esfuerzos en el sentido de comprender en qué medida la vulnerabilidad al VIH se puede intensificar para personas víctimas de homofobia (Pérez 2005), y sin considerar la especificidad de los individuos transgéneros.

Las maneras como las identidades LGBT aparecen en nuestro corpus, más allá de las dificultades conceptuales descritas anteriormente, son resultado en parte de la campaña de prevención adoptada por el Ministerio de Salud en el 2008, volcada hacia homosexuales y otros hombres que tienen sexo con hombres. Sin esa campaña, la cantidad de noticias que incluyen la asociación Sida/ LGBTs sería sin duda más reducida, confirmando la imagen del síndrome desencarnado. En cuanto a los demás componentes del universo LGBT, si por un lado hubo poca asociación VIH/Lésbicas y Transexuales, por otra parte se verificó que la asociación VIH/Travestis es la segunda más encontrada, indicando una naturalización de esta relación. Las travestis se mantuvieron, en los

materiales periodísticos analizados, como grupo “preferencial” de incidencia del VIH/Sida, probablemente como consecuencia de los diversos estereotipos que marcan esa población (Kulick 2008; Silva 2007; Benedetti 2005). Los medios noticiosos analizados no buscaron en sus aproximaciones, cuestionar las raíces históricas de ese tratamiento delimitado, frecuentemente caricaturizado, lo que podría llevar a nuevas concepciones sobre el grupo. Según las creencias comunes, las travestis son vistas bajo la óptica de la prostitución y de la violencia, habitantes de un submundo cultural al borde, donde puede quedar poca humanidad. Estudios como los de Benedetti (2005) y Silva (2007) muestran a las travestis, más allá de esos límites caricaturescos, y a pesar de estos, como un grupo en el que las formas de lidiar con las relaciones sexuales y afectivas son resbaladizas y cambiantes. En ese sentido, la distinción entre travestis y transgéneros buscó recoger las maneras como los medios analizados trataban tales identidades, es decir

distinguiéndolas pero de forma acrítica. Tal distinción había sido detectada en el período de prueba que antecedió a la recolección de datos en el segundo semestre de 2007.

Como comportamiento general, se verificó una cobertura numéricamente más significativa, en términos de asociación de las identidades con VIH/Sida, en los periódicos *O Globo* y *Folha de S. Paulo*, y la ausencia de referencias identitarias en la revista *Veja* y en el *Jornal Nacional*. En los dos últimos medios no fue posible establecer con precisión si la ausencia de referencia identitaria a las poblaciones LGBT indica un avance en la comprensión del VIH/Sida como fenómeno que abarca a todos los seres humanos y, por lo tanto, entendiéndolo fuera de la antigua noción de “grupos de riesgo”, o, si un silenciamiento sobre esas poblaciones puede ser indicador de dificultades para nombrarlas directamente en sus coberturas noticiosas. En el periódico *O Tempo*, la asociación VIH/Sida/identidades sexuales no fue significativa a lo largo de la investigación. Esa casi ausencia de la identidad sexual en los artículos sobre VIH/Sida en un periódico que tiene una página semanal dedicada a las realidades político-culturales LGBT, sugiere que ese medio ya no considera en sus coberturas periodísticas la cuestión de los llamados “grupos de riesgo”, entre ellos los homosexuales, durante mucho tiempo asociados al virus. En cuanto al noticiero *MGTV 2ª Edición*, se verifica un total silencio sobre la temática VIH/Sida, al parecer por tratarse de un noticiero transmitido al comienzo de la noche, momento en que

parte de la audiencia está llegando a sus casas y con poca disposición para enfrentar temáticas de tratamiento complejo.

En otra categoría de análisis, al cruzar “acercamiento favorable al control/prevenición del VIH/Sida” y “género periodístico” es posible afirmar que el asunto tiene presencia en todos los géneros de los medios de comunicación impresos. Al respecto, se destaca la publicación de “artículos” en la *Folha de S. Paulo*, así como la cantidad significativa de “cartas de lectores” en *Veja* y en la misma *Folha de S. Paulo*. Además, es necesario considerar la gran cantidad de “notas/noticias/reportajes” en los tres medios impresos, lo que demuestra que el tema VIH/Sida parece tener aún gran poder de ser noticia en esos medios. En contraste, observamos que, entre esos géneros típicamente informativos, el Sida fue narrado con más frecuencia en forma de notas, es decir, textos cortos, rápidos, originados mayoritariamente de comunicados de prensa y de despachos de agencias de noticias.

A pesar de que se puede observar un conjunto coherente que otorga un carácter genérico al tratamiento del Sida en los medios periodísticos brasileños analizados, es fundamental considerar la especificidad en la manera en que cada uno de ellos trabaja el tema. Cada medio periodístico tiene una identidad (Leal 2009; Mouillaud 1997) con rutinas productivas particulares (Wolf 1994) y modos peculiares de relación con temas, agentes sociales y fuentes (Charaudeau 2006; Cornu 1994). En el caso brasileño, es necesario considerar, por una parte, la localización regional de los medios, incluso aquellos que se proponen

como nacionales y la competencia entre ellos. Por otra parte, los desafíos que los temas relacionados con la sexualidad representan para el lenguaje periodístico (Leal e Carvalho 2009).

La importancia dada a las cuestiones científicas en el estudio del VIH/Sida parece coherente con su caracterización en los medios como un asunto de rutina. Vistos en sus especificidades, todos los medios del muestreo, cuando no guardan silencio sobre el tema, siguen esa tendencia. En la *Folha de S. Paulo*, los artículos son casi siempre tratados bajo una mirada científica, dada su vinculación, observada a lo largo del período de análisis, con las universidades y centros de investigación. *O Globo* tuvo como artículos principales aquéllos que se ocupaban de medicamentos recién descubiertos y de investigaciones sobre una posible vacuna.

En el periódico *O Tempo*, los artículos y reportajes que tenían al virus VIH y al Sida como temáticas fueron publicados, en gran parte, en la sección *Interessa*, que trata de asuntos ligados a la ciencia, la medicina y la biología. Los reportajes recolectados trataban de investigaciones de medicina sobre el virus así como de medicamentos. La tendencia a presentar el tratamiento científico del síndrome, notoria también en los otros periódicos analizados en esta investigación, indica la prevalencia del discurso médico-biologista en la cobertura periodística actual, como se puede observar en la noticia titulada “Científicos norteamericanos dicen haber encontrado el punto débil del virus del Sida”, publicada el día 18 de julio en la sección *Interessa*, del periódico de Minas Gerais *O Tempo*, en donde los descubrimientos sobre el virus VIH son explicados por los

médicos y científicos de forma técnica, con un discurso científico.

Otro elemento indicador de la cobertura del VIH/Sida como tema de rutina, tal como observo Traquina, es el pequeño alcance de los acontecimientos programados con el fin de mantener la temática siempre en el foco de atención de los medios noticiosos. Aunque hayan generado noticias, esos acontecimientos repercutieron poco después de su ocurrencia. Al respecto, es ilustrativa la posición del *Jornal Nacional* en relación con dos de esos sucesos. En diciembre del 2007 (analizado en esta investigación en la fase de pruebas de los instrumentos de recolección de datos y de la organización de las categorías analíticas), con ocasión del Día Mundial de Combate al Sida, el noticiero televisivo de más audiencia en Brasil presentó, en su cuarto segmento, dos noticias sobre el tema: una sobre las manifestaciones en varias ciudades y otra sobre los avances científicos. La nota que tuvo como objetivo la serie de manifestaciones ocurridas en el mundo, articuló algunas informaciones más institucionales, como presidentes hablando, y otras más reivindicativas y populares. A lo largo de poco más de un minuto, el *JN* presentó imágenes e intervenciones de diferentes lugares y contextos. En esa mezcla, es posible entrever algunas formas distintas de relacionarse con la infección por VIH, como el apoyo a las víctimas, la solicitud de acciones más efectivas del Estado y la búsqueda de una cura o de medicamentos más eficaces. Todas esas formas, son a su vez, organizadas y dispuestas en la narración para dar coherencia a la lectura del mundo realizada por el *JN*, cuando al final de la noticia, afirma que “culturas y religiones distintas se unen en el combate a un enemigo común” (Leal 2008).

En otras palabras, las notas informaron poco sobre el Sida,

mostrando apenas un rápido registro de manifestaciones y de descubrimientos recientes. En febrero del 2008, cuando el Ministerio de Salud lanzó una campaña nacional de prevención, con enfoque en los homosexuales masculinos y en los hombres que tienen sexo con hombres, el *Jornal Nacional* no dedicó ningún tiempo a informar sobre ese acontecimiento: no fue dada ninguna noticia, como si nada hubiese sucedido.

4. Algunas consideraciones finales

Si por un lado existen amplios sectores que favorecen la lucha contra el VIH/Sida, y que reconocen la gravedad de los problemas vinculados al síndrome, por otro lado es notable como la transformación de la cobertura periodística sobre el síndrome en una rutina acarrió una especie de vaciamiento de los aspectos sociales, políticos y morales de un tema tan complejo. Como consecuencia, hay una reducción del material informativo que habla de conductas, lo que refleja, positivamente, un cambio frente a los estigmas homofóbicos, sexistas (Borillo 2001; Smigay 2002) o racistas, tan presentes en los primeros tiempos del Sida. Sin embargo, indica también un cierto descuido, pues, visiones de naturaleza científica pasaron a predominar en las noticias, especialmente aquéllas ligadas a descubrimientos sobre el virus y nuevos medicamentos, muchas veces con textos que reflejan más especulaciones que descubrimientos concretos.

Una consecuencia de esa postura frente al VIH/Sida es que no hay, en los artículos periodísticos analizados, ningún tipo de mención sobre las prácticas homofóbicas y/o sexistas y la vulnerabilidad al contagio. Una posible explicación para esto, además

de la dificultad en lidiar con la diversidad sexual y las cuestiones de género, estriba en el desconocimiento demostrado sobre las diversas formas de manifestación de la homofobia, señalada por algunos estudiosos como importante en lo que se refiere a estrategias de prevención del VIH/Sida.

El tratamiento de cualquier temática bajo la perspectiva de acontecimientos de rutina, tal como se puede percibir en nuestro análisis, contiene ambigüedades. Si por un lado, es positiva, ya que están superados malos entendidos iniciales, y no se registran más coberturas sensacionalistas, por otro lado hay una clara tendencia a reducir el tema – que entonces se torna dependiente del material de divulgación de instituciones de investigación y del Estado, además de la acción de agencias de noticias. De la misma manera, la aproximación “cientificista” implica, como fue mencionado antes, un esfuerzo por evitar delimitaciones más delicadas y complejas del Sida. Significativo de ese silenciamiento fue el comportamiento del *MGTV 2ª Edición*, que simplemente ignoró el tema en todo el período demarcado de nuestra pesquisa. Más allá de cualquier explicación, que podría incluir por ejemplo, estrategias al hacer las pautas del noticiero, o que debido al horario de transmisión (aproximadamente las 19 horas), se evitaría exponer al público a temas complejos, queda la cuestión de pensar el silencio como una posible nueva forma de estigmatización. Finalmente, ese mismo medio, por tratarse de un noticiero televisivo local, tendría mejores condiciones para aproximarse a los temas y hechos importantes relacionados al cotidiano del Sida, por ejemplo, la situación de los lugares de distribución de medicamentos, los actos cotidianos de discriminación o las acciones específicas de diversos agentes vinculados al síndrome, como médicos,

municipalidades, organizaciones no gubernamentales, etc.

En lo que se refiere a los silencios, estos no sólo afectan a las personas directamente comprometidas por las consecuencias del VIH/Sida, sino que representan, además de la restricción de la necesaria multiplicidad de voces en una narración periodística, la supresión o reducción de la importancia dada a las formas de diseminación del virus en Brasil y en el mundo. Las mismas investigaciones médicas, privilegiadas en buena parte de la cobertura noticiosa aquí analizada, no reflejan su amplia diversidad, lo que nos remite al problema anteriormente señalado de ignorar los problemas sociales implicados directamente en el panorama actual de la

diseminación del VIH/Sida. A fin de cuentas, las cuestiones sociales ligadas al Sida no dejaron de ser objetivo de la comunidad científica y de las investigaciones realizadas en Brasil y en el mundo, que ha identificado por ejemplo, las diferencias en la distribución del síndrome en función de variables como condiciones económicas, de género o de hábitos culturales.

En otras palabras, los datos sugieren que aunque ya no hay mancha identitaria, el Sida continúa siendo una enfermedad estigmatizada que exige una aproximación cuidadosa. Ese trato delicado, transforma el síndrome en el objeto de una guerra que transcurre en un mundo distante del cotidiano – el de la ciencia y los científicos. Es paradójica entonces la contradicción: siendo

una rutina, el Sida se presenta en los medios analizados como un acontecimiento que se da en otro universo, el de los números y tubos de ensayo. Es como si a lo largo de estos años, el virus VIH, al dejar de ser asociado fuerte y dramáticamente a la muerte, dejase también de ser parte de la vida, especialmente de la vida cotidiana de cualquier persona³. ■

¹ Artículo inédito, con parte de las conclusiones de la investigación “Medios de comunicación y homofobia”, realizada entre los años 2007 y 2008. Financiada por el Ministerio de Salud y por la Fundación de Protección a la Investigación del Estado de Minas Gerais (Fapemig).

² Aquí nos referimos a la capacidad de los medios noticiosos de dar cuenta adecuadamente de la diversidad de prácticas sexuales y afectivas identificadas con el universo LGBT. Más adelante, en el análisis pormenorizado de las relaciones entre VIH/Sida y sexualidad, las formas de asociación presentes en los artículos analizados serán mejor comprendidas.

³ Traducido por Cecilia Riquelme.

Bibliografia

- Alsina, Miguel Rodrigo. 1989. *La construcción de la noticia*. Barcelona: Paidós Comunicación.
- Bastos, Cristiana, Jane Galvão y Richard Parker, orgs. 1984. *A Aids no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ABIA/IMS-UERJ.
- Bauer, Martin W y George Gaskell. 2004. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*, 3a ed. Petrópolis: Vozes.
- Benedetti, Marcos Renato. 2005. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Blouin, Claude, Eric Chimot, y Jacques Launere. 1987. *Aids, informação e prevenção: imprensa e medicina em busca de respostas*. São Paulo: Summus Editorial.
- Borillo, Daniel. 2001. *Homofobia*. Barcelona: Belaterra.
- Butler, Judith. 2007. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. En *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*, Guacira Lopes Louro, org., 151-172. Belo Horizonte: Autêntica.
- _____. 2008. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Camargo Jr., Kenneth Rochel de. 1994. *As ciências da Aids e a Aids das ciências: o discurso médico e a construção da Aids*. Rio de Janeiro: Abia/IMS-UERJ/Relume-Dumará.
- Carvalho, Carlos Alberto de. 2009. *Visibilidades mediadas nas narrativas jornalísticas: a cobertura da Aids pela Folha de São Paulo de 1983 a 1987*. São Paulo: Editora Annablume.
- Casetti, Francesco y Federico di Chio. 1999. *Análisis de la televisión*. Buenos Aires: Paidós.
- Charaudeau, Patrick. 2006. *O discurso das mídias*. São Paulo: Editora Contexto.
- Cornu, Daniel. 1994. *Jornalismo e verdade – para uma ética da informação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Fausto Neto, Antônio. 1999. *Comunicação e mídia impressa: Estudos sobre a Aids*. São Paulo: Hacker Editores.
- Fondcubierta, Mar y Hector Borrat. 2006. *Periódicos: sistemas complexos*. Buenos Aires: La Crujia.
- Gomis, Lorenzo. 1992. *Teoria del periodismo – cómo se forma el presente*. Barcelona: Ediciones Paidós.
- Kulick, Don. 2008. *Travesti*. Rio de Janeiro: Fundação Fiocruz.
- Leal, Bruno. 2008. Telejornalismo e autenticação do real. *E-compós*. 11(2): 1-13.
- _____. 2009. Para além da notícia: o jornal, sua identidade, sua voz. *Revista Fronteiras*. 11: 113-123.
- Leal, Bruno e Carlos Carvalho. 2009. Jornalismo e homofobia: ou pensa que falar é fácil? *E-compós* 12(2): 1-16.
- Leal, Bruno Souza, Carlos Alberto de Carvalho, Lucas Gomes, Phellipy Jacome, Ana Dourado, y Michélie Torres. 2007. *Mídia e homofobia*. Informe de Investigación. Belo Horizonte/Brasília: Universidade Federal de Minas Gerais/Ministério da Saúde/Escritório das Nações Unidas contra Drogas e Crime.
- Louro, Guacira Lopes, org. 2007. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Loyola, Maria Andréa, org. 1994. *Aids e sexualidade – o ponto de vista das ciências humanas*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/UERJ.
- Mann, Jonathan, Thomas Neter, y Daniel Tarantela, orgs. 1993. *A Aids no mundo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ABIA/IMS-UERJ.
- Mouillaud, Maurice y Sérgio Dayrell Porto, orgs. 1997. *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15.
- Parker, Richard. 1994. *A construção da solidariedade – Aids, sexualidade e política no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ABIA/IMS-UERJ.
- Pérez, Fernando Villaamil. 2005. *Homofobia/heteronormatividade e inequidade social como factores estruturales de riesgo. Violencias y prácticas de riesgo frente al VIH entre homosexuales*. <http://www.creacionpositiva.net/pdfs/PonenciaFernandoVillaamil.pdf>.

Pollak, Michael. 1990. *Os homossexuais e a Aids – sociologia de uma epidemia*. São Paulo: Estação Liberdade.

Ponte, Cristina. 2005. *Para entender as notícias – linhas de análise do discurso*. Florianópolis: Insular.

Silva, Helio R. S. 2007. *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco.

Smigay, Karin Ellen von. 2002. Sexismo, homofobia e outras expressões correlatas de violência: desafios para a psicologia política. *Psicologia em Revista*. 8(11): 32-46.

Sontag, Susan. 1989. *Aids e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras.

Traquina, Nelson. 2001. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Editora da Unisinos.

_____. 2005. *Teorias do jornalismo, vol. II: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa internacional*. Florianópolis: Editora Insular.

Tuchman, Gaye. 1978. *Making news: A study in the construction of reality*. Nova Iorque: Free Press.

Wolf, Mauro. 1994. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Editorial Presença.